

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAIS SOCIAIS
BACHARELADO DE ANTROPOLOGIA**

DILMA DA SILVA DANTAS

**COTIDIANO E SOCIALIZAÇÃO DE MULHERES NA SENZALA:
INTERAÇÕES, CONFLITOS E VIZINHANÇA**

**RIO TINTO-PB
MAIO 2019**

DILMA DA SILVA DANTAS

**COTIDIANO E SOCIALIZAÇÃO DE MULHERES NA SENZALA:
INTERAÇÕES, CONFLITOS E VIZINHANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Antropologia da Universidade Federal
da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção
do Título de Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Dra. Alessa Cristina Pereira Souza

**RIO TINTO-PB
MAIO 2019**

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

D192c Dantas, Dilma da Silva.

Cotidiano e Sociabilidade de Mulheres na
Senzala: Interações, Conflitos e Vizinhança /
Dilma da Silva Dantas. - Rio Tinto, 2019.

78 f.: il.

Orientação: Alessa Cristina Pereira de Souza Souza.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Etnografia. 2. Sociabilidades. 3.
Mulheres. 4. Senzala. I. Souza, Alessa Cristina
Pereira de Souza.
II. Título.

UFPB/BC

DILMA DA SILVA DANTAS

**COTIDIANO E SOCIALIZAÇÃO DE MULHERES NA SENZALA:
INTERAÇÕES, CONFLITOS E VIZINHANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessa Cristina P. de Souza
(Orientadora)

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella
(Examinador)

Prof. Dr. Pedro Francisco Guedes do Nascimento
(Examinador)

Aos meus filhos, pela contribuição na realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de compilar a minha gratidão aqueles que me incentivaram para que eu chegassem à conclusão desse curso e desse trabalho. Sou grata a Deus por me permitir durante todo o percurso da graduação, a saúde e a disposição nos estudos me dando força para superar as dificuldades.

Agradeço aos meus filhos que acreditaram em mim me dando força e me encorajando a estudar.

Agradeço a comunidade da Senzala e, em especial, as mulheres que me consentiram entrar em suas casas, me ajudando a compor este trabalho, contando um pouco de suas vidas e simbologias.

Ao curso e ao corpo docente de Antropologia que me fez conhecer outras visões de mundo, aos amigos que contribuíram para esse dia chegar, fazendo parte da minha formação. Agradeço a todos os professores e professoras, pelo aprendizado e incentivo e por me mostrarem as várias possibilidades, em especial a minha orientadora: Alessa Souza, que veio me orientando ao longo da graduação, me dando suporte para a realização deste trabalho.

Sou grata por me permitir sonhar e construir, no dia-dia, através do meu esforço, durante a graduação, a confiança para a realização deste trabalho.

Agradeço por cada palavra de estímulo dos meus colegas de turma, bem como, aos colegas de outras turmas e até aos que estavam no mestrado que me incentivavam ajudando nas discussões antropológicas.

Me cabe falar aqui, da importância e da iniciativa de nós mulheres tomarmos as rédias dos nossos desejos, as vezes estudar é algo tão distante para nós, mas é com o primeiro passo que as coisas definitivamente acontecem. Agradeço aos que fazem parte da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, aos professores, alunos, funcionários, e ao Técnico do Curso de Antropologia, Marcelo Esteves da Silva, pela proatividade e pela disposição em ajudar sempre os alunos e alunas, nas burocracias acadêmicas.

Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade.
(Georg Simmel)

RESUMO

Este trabalho busca observar o cotidiano e a sociabilidade das mulheres do Conjunto Durval de Assis, conhecido como Senzala, localizado na Cidade de Rio Tinto – PB. O interesse é estudar as formas de interação e os modos de vida que são compartilhados na construção social de uma comunidade marcada por lutas, através do cotidiano das mulheres que ali habitam. A realidade destas mulheres demonstra uma trajetória de vida cheia de garra e conquistas; assim, procuro compreender esse cotidiano partindo dos laços de vizinhança, através dos quais as mulheres estabelecem formas de relações e articulam suas vivências de aproximação, reciprocidade, conflito e poder. Tendo em vista que as sociabilidades dessas mulheres estão a todo momento sendo (re)construídas, através delas pode-se compreender uma variedade de significados, valores materiais, simbólicos e culturais. Os vínculos afetivos também contribuem para a construção e organização dessa comunidade. A pesquisa de campo desenvolvida para a realização desse trabalho tomou como base o método etnográfico, tendo como foco a observação participante, através de um embasamento teórico pautado nas discussões da Antropologia Urbana e das formas de sociabilidades. Instrumentos como o diário de campo, a câmera fotográfica e o gravador ajudaram na coleta de dados. É a partir de observações sobre os vínculos de sociabilidades e das narrativas dessas mulheres, que são apresentados os valores manifestados na trajetória que elas vêm compondo na comunidade Senzala.

Palavras-chaves: Etnografia, sociabilidades, mulheres, Senzala.

ABSTRACT

This work seeks to observe the daily life and sociability of the women of the Durval de Assis Set, known as Senzala, located in the City of Rio Tinto - PB. The interest is to study the forms of interaction and the ways of life that are shared in the social construction of a community marked by struggles, through the daily life of the women who live there. The reality of these women shows a trajectory of life full of claw and conquests; thus, I try to understand this quotidian starting from the ties of neighborhood, through which the women choose forms of relations and articulate their experiences of approach, reciprocity, conflict and power. Given that the sociabilities of these women are constantly being (re) constructed, through them one can understand a variety of meanings, material, symbolic, and cultural values. The affective bonds also contribute to the construction and organization of this community. The field research developed to carry out this work was based on the ethnographic method, focusing on participant observation, through a theoretical basis based on the discussions of Urban Anthropology and the forms of sociability. Instruments such as the field diary, camera, and tape recorder helped collect data. It is from observations about the bonds of sociability and the narratives of these women that the values expressed in the trajectory they are composing in the Senzala community are presented.

Keywords: Ethnography; affectivities; social ties.

Índice de Ilustrações

Fotografia 1. Metragem de lenha da década de 1967.....	22
Fotografia 2. Vaquejada da década de 1967.....	23
Fotografia 3. Campo do Assisão.....	24
Fotografia 4. Escola Municipal Antônia Luna Lisboa.....	24
Figura 5. Mapa da Senzala demonstrando as vias de acesso da Senzala.....	31
Figura 6. Imagem de satélite do Conjunto Durval Francisco de Assis – Senzala.....	31
Fotografia 7. Enchente ocorrida na Senzala em 2011.....	33
Fotografia 8. Portão de entrada do Centro Religioso São Jorge Guerreiro.....	36
Fotografia 9. Sociabilidades nas calçadas na Senzala.....	51

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1: A Senzala e suas histórias.....	18
1.1 Rio Tinto.....	18
1.2 As ocupações do espaço antes da Senzala.....	21
1.3 O processo de ocupação do espaço que viria ser a Senzala: relatos sob os olhares femininos.....	26
1.4 A Senzala e as mulheres – As mulheres e a Senzala.....	30
1.5 Senzala – Conjunto Durval Francisco de Assis – Senzala.....	39
Capítulo 2: Percebendo o campo e desenvolvendo a pesquisa.....	43
2.1 Incursão teórica.....	43
2.2 Sociabilidades cotidianas na Senzala.....	45
2.2.1 Os conflitos.....	48
2.2.2 Viver na Senzala.....	50
2.2.3 Os espaços e seus usos.....	57
2.2.4 A rotina na Senzala.....	58
Capítulo 3: Ser mulher na Senzala.....	62
Considerações finais.....	72
Referências.....	73
Anexo.....	77

INTRODUÇÃO

Via de regra, toda pesquisa surge da curiosidade e do questionamento do pesquisador, e foram justamente estes questionamentos que me fizeram seguir o campo da Antropologia Social Urbana. O cotidiano e as sociabilidades dos sujeitos me levaram a querer adentrar este horizonte que é a vida social, seus costumes, os vínculos de vizinhança e as formas de interações.

As inquietações surgiram a partir das aulas de Antropologia Urbana ministrada pela a professora Alessa Souza, e da aproximação e conhecimento com a Escola americana de Chicago. Nessa disciplina¹ realizei uma pesquisa etnográfica, e comecei a pesquisar a Senzala, um Conjunto Habitacional denominado Durval Francisco de Assis, popularmente conhecido como Senzala², uma comunidade pequena, mas muito conhecida no Vale do Mamanguape.

Nesta pesquisa o objetivo era conhecer e compreender as mulheres, chefes de família, que habitavam na Senzala. A intenção era ouvi-las e conhecer as sociabilidades orquestradas por elas na comunidade, assim como também entender o porquê dessas mulheres morarem sozinhas, conhecer suas experiências de vida, processos de maternidade e solidão, isso porque observei que algumas mulheres eram mães de família e viviam sob as condições de serem mulheres lidando com as desigualdades sociais e o machismo, criando os filhos e mantendo suas casas, sozinhas.

A partir dessa primeira experiência de pesquisa resolvi aprofundar o conhecimento sobre essas mulheres, nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar e compreender o cotidiano e as sociabilidades das mulheres que moram na Senzala, a partir dos entrelaçamentos com a vizinhança, das relações sociais estabelecidas por elas e entre elas, das articulações e vivências de aproximação/distanciamento, reciprocidade, conflito e poder.

Para tanto, fez-se necessário verificar as formas cotidianas de sociabilidades estabelecidas por e entre essas mulheres, pois entendemos que a interação é um processo social básico, como aponta Simmel (1996, p.166) quando afirma que as pessoas são motivadas pelas relações na sociedade. Observar o conflito como uma forma de interação e organização divergente, ensinado por Simmel (1964, p.568), como

¹ No primeiro capítulo explico como a Senzala passou a ser Conjunto Durval Francisco de Assis.

² As cidades que compõe o Vale de Mamanguape são Jacaraú, Rio Tinto, Mamanguape, Baía da Traição, Marcação, Itapororoca, Capim de Mamanguape, Cuité de Mamanguape, Pedro Regis, Curral de Cima, Mataraca.

uma forma de sociação, que não pode ser exercida por um indivíduo sozinho, foi outra necessidade que surgiu ao longo dessa pesquisa. Ressaltamos que entendemos o conflito como elemento que pode estabelecer ordenamento, podendo ser considerado como positivo nas discussões e interações.

Para descrever os laços de vizinhança e reciprocidade entre as mulheres que moram na “Senzala”, também tive ajuda das reflexões feitas por Mauss (1974) ao discutir que as relações de troca não são apenas econômicas, são exercidas também através de laços simbólicos e vínculos afetivos entre os sujeitos que as criam e as transformam em formas estreitas de sociabilidade. O sentimento de amizade e de solidariedade, como observa Park (1979, p.34) e Rezende (1999), reforçam a nossa percepção de como as formas de vizinhança podem ser entendidas, principalmente quando falamos sobre lugares de moradia onde estão enraizados sentimentos e gostos compartilhados.

Durante a pesquisa, e ao longo desse trabalho, dou ênfase às mulheres que vivem na Senzala a partir de suas vivências, de suas trocas de experiências cotidianas, em casa, com a família, na vizinhança e no trabalho. As mulheres são peças chave para que possamos entender os significados delas na comunidade e como a Senzala adquiriu simbologias em suas vidas, no contexto social, na construção da comunidade desde as ocupações até os dias atuais. As narrativas dos momentos diferentes vividos por elas na Senzala foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

No decorrer do texto dialogo com as falas dessas mulheres destacando momentos que vivenciaram na Senzala; conversei com dezoito mulheres e realizei sete entrevistas. O nome de flores que dei a cada uma, não foi uma exigência feita por elas, mas achei prudente garantir o anonimato delas no trabalho. Íris, Hortência, Rosa, Lírio, Orquídea, Tulipa, Dália, Margarida, Bromélia, Alfazema, Girassol, Cravina, Gardênia, Gérbera, Azaléia, Jasmim, Cravo e Amarílis, são os nomes de flores que as presenteei.

Diante da observação de seus comportamentos no contexto social urbano em que estão inseridas, sempre em processo de construção/modificação, nasce a vontade de estudar esse grupo de mulheres, a partir da curiosidade embasada na Antropologia e do desejo de ir ao encontro do outro e tentar compreender seu círculo social, a construção de seus significados, os compartilhamentos dos valores simbólicos, culturais e da diversidade.

Pensando nisso, discuto sobre sociabilidades a partir do cotidiano em uma comunidade diversa e complexa, das interações que produzem cotidianamente, que

transformam e dão sentido as suas vidas. Essas relações que construímos a todo o momento traduzem motivações relevantes para o ser humano, ou seja, o desejo e a vontade de estar com o outro, interagindo, trabalhando, produzindo, se divertindo, conversando, construindo práticas essenciais a vida social.

Nessas relações cotidianas também fazem parte as discordâncias, os conflitos, numa sociedade onde as pessoas estão a todo o momento em parceria, mas não sempre em concordância, o conflito é acionado para que a sociedade cresça e desenvolva coletivamente (SIMMEL, 1964, p. 568).

Por tudo isso, meu objetivo é abordar as relações cotidianas de sociabilidades em um conjunto habitacional que consideraremos nesse trabalho como uma comunidade³, localizada na cidade de Rio Tinto, enfatizando os múltiplos significados que este lugar tem para essas mulheres, seja no campo do trabalho, no da intimidade amorosa, nos círculos de vizinhança, nas lutas e resistências cotidianas.

Neste sentido, procuro compreender a Senzala a partir das interações das mulheres com outros grupos, que a partir da oralidade e dos olhares das mulheres que a Senzala ganha significado. Tendo como objetivo analisar e compreender o estabelecimento das formas de relações e das articulações, das vivências de aproximação, reciprocidade, conflito e poder.

A abordagem qualitativa apresenta características que correspondem a este estudo, pois envolve pequenas amostras, as quais não necessitam representações de grandes populações (GONDIM, 2002). As entrevistas semiestruturadas (MARCONI; LAKATOS, 2006) realizadas com as mulheres possibilitaram um diálogo relevante para compreender os significados e as simbologias presentes na Senzala. As interlocutoras, muito embora, algumas delas tenham pedido que os seus nomes aparecessem no trabalho⁴.

Como já mencionamos, foi prudente colocar os nomes de flores. Como já mencionado também, a proposta dessa pesquisa é pautada na base da Antropologia Social Urbana norte-americana, tendo como referencial teórico a Escola de Chicago e o esboço sociológico e antropológico de teóricos importantes nos estudos das comunidades contemporâneas. Nesta perspectiva, as contribuições de autores como

³ Considerando a distinção do autor e sociólogo Ferdinand Tönnies (1998) entre comunidade e sociedade, considero a Senzala sendo uma comunidade porque as pessoas ali vivem em uma unidade comum, compartilhando o mesmo espaço, em contraposição à sociedade, que implica relações de impessoalidade e individualidade.

⁴ Nos anexos há uma lista de correspondência dos nomes das mulheres e das flores. Ressaltamos que pedimos autorização a todas as mulheres para participarem da pesquisa (Ver anexos 1 e 2).

George Simmel (1996), Norbert Elias (1994), Gilberto Velho (1997), Magnani (1984), Park (1979), Frúgoli Junior (2007) e Weber (1969) foram fundamentais para dialogar com o campo.

A etnografia, pautada nas expedições feitas por Boas (1858-1942) e Malinowski (1884-1942, p.22-34), fornece elementos importantes para a construção teórica e metodológica deste trabalho, bem como para as estratégias de descrição dos estágios da pesquisa, que faz uso da observação participante. Tais referências foram de suma importância no estabelecimento da relação entre pesquisadora e pesquisadas ajudando a compreender as formas de sociabilidade em que os agentes estão inseridos.

Instrumentos como o diário de campo, a câmera fotográfica e o gravador me ajudaram na coleta de dados. Para as idas a campo foram usados o celular e o caderno de campo. O telefone deu suporte para tirar as fotografias e gravar as entrevistas. A pesquisa foi feita a partir da escolha de observar o cotidiano e as sociabilidades das mulheres da Senzala e teve início no ano de 2017. Durante o ano de 2017, 2018 e início de 2019, estive presente no campo. Em alguns dias apenas observei em outros interagi com as mulheres, às vezes estabelecemos diálogos, e em outros momentos realizei entrevistas, gravações e fotografias. As mulheres não se sentiam inibidas com minha presença, mas faziam perguntas sobre a pesquisa. Eu as deixava sempre à vontade e quando percebia que alguma interlocutora poderia me dar pistas importantes para a pesquisa, logo lhe perguntava, quando podia visitá-la para fazer uma entrevista. Não tive dificuldades em estabelecer uma boa relação com as mulheres da Senzala, elas se mostravam à vontade mesmo durante as entrevistas e as fotografias, apenas Dona Margarida não quis que eu tirasse fotos dela, disse que não estava arrumada.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, reconstruo a história da cidade de Rio Tinto a partir do espaço físico onde hoje se localiza o conjunto habitacional Durval Francisco de Assis - a Senzala -, partindo dos relatos das mulheres que fizeram e fazem parte da construção desse lugar - que passou por diversos processos políticos administrativos. Em seguida, discuto a representação da Senzala para essas mulheres e a ligação relevante das mulheres com a Senzala, através das histórias narradas por elas. Por fim, discorro sobre o significado do nome Senzala e como se deu o processo através do qual a Senzala passou a ser denominado Conjunto habitacional Durval Francisco de Assis.

O segundo capítulo consiste em uma incursão teórica em diálogo com o campo de pesquisa, para isso descrevo os processos de aproximação, distanciamento e

as interações existentes no cotidiano da Senzala a partir dos vínculos de vizinhança, dos conflitos, das divergências e da diversidade de relacionamentos existentes na Senzala, destacando o processo de sociabilidades entre as mulheres.

No terceiro capítulo apresento as entrevistas nas quais as mulheres relatam um pouco de suas vidas, os momentos de luta, o trabalho, as conquistas e as superações, como também relatam sobre as experiências e representações de ser mulher e morar na Senzala. Assim, buscamos compreender a diversidade de vivências que foram moldadas por elas, enfatizando as sociabilidades, os afetos, as solidariedades e reciprocidades que ligam essas mulheres umas as outras e as ligam a Senzala.

As considerações finais oferecem algumas reflexões acerca do que foi explanado no decorrer do trabalho.

CAPÍTULO I – A Senzala e suas histórias

Neste capítulo situo um pouco da história da cidade de Rio Tinto-PB partindo de acontecimentos que nos remetem a algumas décadas do século XX e estão presentes nas lembranças de parte dos moradores da cidade, com o objetivo de recompor a história da Senzala. Para tanto, dou ênfase às mulheres que vivem na Senzala, e é a partir de seus olhares e relatos que conto parte dessa história.

1.1. Rio Tinto

No início do século XX, no ano de 1917-1918 a família Lundgren chegou a cidade e instalou a Companhia de Tecidos Rio Tinto que passou a caracterizar essa cidade como uma Cidade fabril. Durante um bom período a família Lundgren empenhou um grande investimento industrial têxtil, colocando essa cidade em um processo de desenvolvimento capital relevante por algumas décadas.

Rio Tinto fica localizada na Mesorregião da Mata Paraibana na Microrregião do Litoral Norte conhecida pela criação da fábrica de tecidos, Companhia de Tecidos Rio tinto. Mas, na época em que os Lundgren construíram a fábrica de tecidos, nestas terras já havia os Indígenas Potiguara, segundo Araújo (2017, p. 125) os Indígenas Potiguara ao chegar à família Lundgren foram “vítimas de violência, negação e silenciamento da identidade étnica sendo dominados pelos donos da Companhia de Tecidos Rio Tinto”.

Segundo a página “História de Rio Tinto-PB”⁵ não se sabe a data nem decreto da fundação da cidade de Rio Tinto, mas ressalta-se que a colonização se deu com a chegada da família Lundgren. Essa família já exercia forte poder e influência no Estado de Pernambuco, devido a uma rede de lojas espalhadas pelo Brasil que os faziam importantes detentores de lucro. Na década de 1925 a Companhia de Tecidos Rio Tinto começou a produzir, e neste período já havia se apropriado de partes das terras indígenas⁶. O livro publicado em 2017 “O Estranho Rio Tinto” traz questões pertinentes em que procura problematizar a identidade histórica de Rio Tinto e do povo

⁵ História de Rio Tinto-PB. Ache tudo e região. [HTTPS://www.achetudoeregião.com.br>PB](https://www.achetudoeregião.com.br/PB) 16/12/2018. 12h31min.

⁶ As terras que eram ocupadas por indígenas Potiguara do aldeamento Monte-Mór foram vendidas pelo Coronel Alberto César de Alburquerque por vinte e três contos de réis à família Lundgren, de acordo com Góes (1964, p. 125)

Potiguara, habitantes da cidade, dando foco não a história da família Sueca, mas chamando atenção para a “história dos vencidos”, do povo Potiguara.

Uma História que é constantemente submetida ao esquecimento, uma vez que reconhecer que já havia uma História local, constituída pelos nativos que lá existiam/existem e que foram e/são constantemente esfolados, vivos e/ou mortos, não exalta, de nenhuma forma, as ações desenvolvidas pelo próprio homem e as quais ele deve reconhecer. Afinal, contar uma narrativa desta forma, não seria palatável a ninguém, justamente, se a está é a nossa própria narrativa. (BARRETO; SANTOS; NILTON, 2017, p.146).

O livro menciona também que a História do município é “Entoada sempre como um mantra de um falso progresso” (2017, 146) e discute como a família sueca tomou conta da cidade agindo com violência com relação aos nativos que aqui já residiam e que foram expulsos da região, de forma truculenta, tendo que se submeter a trabalhos forçados.

As mulheres que entrevistei, e outras com as quais conversei sem o gravador, narram que o tempo em que a fábrica funcionava era um tempo muito farto, um tempo que dá saudade, mas levamos em conta que os moradores desta época não tinham/tem noção do processo de submissão que viveram e que para eles havia uma relação de reciprocidade, vista de maneira afetuosa e romantizada, com o coronel Lundgren. Por outro lado, algumas mulheres relatam que muitas coisas esquisitas aconteciam naquele tempo, “coisas cabeludas”.

Segundo Palitot (2005) a presença da Companhia de Tecidos Rio Tinto trouxe um desenvolvimento industrial de sucesso, mas devido às transformações tecnológicas o comércio começa um período de decadência na década de 1960 para 1970, quando ocorreram transformações no mercado da região sudeste que ocasionou uma crise da indústria local por conta da não adaptação a esse novo quadro capitalista.

Assim, no ano de 1983 a fábrica veio a fechar, e diante disto, foram acontecendo mudanças no cotidiano dos moradores. As pessoas que ficaram desempregadas tiveram que encontrar outras formas de sobreviver como, por exemplo, o comércio de subsistência. O cenário de 1983 foi muito difícil por ocasião do fechamento da fábrica que deixou muitas pessoas sem emprego (PANET, in PONET, 2002, p.38).

Nessa mesma época, Rio Tinto começou a mudar sua urbanização, a prefeitura criou lotes que foram entregues para famílias, eram terrenos vazios espalhados por diferentes pontos da cidade. Segundo Dantas (2009), na década de 1980, Rio Tinto

construiu 205 casas através da CEHAP – Companhia Estadual de Habitação Popular. A partir desse período a cidade foi mudando sua paisagem, as casas foram sendo reformadas por aqueles que tinham um salário garantido, como aqueles que trabalhavam em órgãos públicos como a prefeitura e escolas, e outros abriram comércio.

Rio Tinto é um município localizado na região metropolitana de João Pessoa, Estado da Paraíba. Uma cidade rodeada de monumentos arquitetônicos definindo a paisagem urbana, herança da família Lundgren que é considerada fundadora desta Cidade. O monumento de bronze esculpido com a imagem do coronel Frederico Lundgren, que fica no Centro da Praça João Pessoa, sinaliza a presença do passado no presente. A presença da memória do homem capitalista, empresário, que trouxe para Rio tinto o progresso. Hoje, a cidade possui uma estrutura urbana diferente, em sua diversidade de atividades e empreendimentos, mas ainda há muita presença da “memória” da família Lundgren.

Atualmente a fábrica está desativada e nos grandes galpões funciona a Policlínica Rio Tinto, uma clínica particular onde trabalham médicos de diversas áreas todos os dias da semana; uma pequena fábrica de toalhas onde são empregados aproximadamente quinze pessoas produzindo toalhas para vender na cidade de Rio Tinto e em cidades vizinhas; e, o Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que chegou a cidade a partir do programa Expandir, no ano de 2006.

A chegada do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba trouxe uma nova visão para Rio Tinto, tornando-a uma cidade universitária com uma significativa diferença urbana e também no comércio. Podemos observar que a vinda da Universidade para Rio Tinto ocasionou mudanças em todos os aspectos inclusive na geração de renda. Os moradores de Rio Tinto quando souberam que chegaria um Campus Universitário na cidade tiveram opiniões controversas, alguns acreditaram que a cidade nunca mais seria a mesma, afirmando que a Universidade acabaria com a “tranqüilidade” que existia. Para outros, a Universidade atrairia o progresso, favorecendo o turismo e o comércio, como também ajudaria nos estudos de jovens da própria cidade, como falou uma moradora “É um privilégio ter a Universidade aqui, dando oportunidade a jovens que não tem condição de ir para a capital ou outro Estado”.

Nas últimas décadas, Rio Tinto vem passando por diversos conflitos sociais que envolvem disputas como, por exemplo, o Movimento Liberta Rio Tinto – Cidade Privada, em que os cidadãos reivindicam a Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTR) o favoritismo no direito da compra das casas em que moram e que pagam há muito

tempo. Segundo os moradores⁷, as casas que pertenciam ao grupo Lundgren foram “vendidas” para o grupo português Avelar, sem que a população tivesse conhecimento desta “negociação”. A Associação dos Moradores é presidida por Marco Moura, e tem como apoiadores o prefeito da cidade de Rio Tinto, Fernando Naia, o administrador paroquial da Matriz Santa Rita de Cássia, Padre Isaias, e um dos representantes do poder Legislativo Municipal, o Cacique-geral e Vereador Sandro Gomes (PDT). Em 2018, devido algumas discussões entre os integrantes do movimento, ele mudou de presidente e de nome, passando a se chamar de Movimento Liberta Rio Tinto – Cidade Privada com a direção de Marco Moura.

De acordo com dados do IBGE de 2017, Rio Tinto possui uma Área Territorial de 496,666 km²; uma população de 22.976 pessoas, sendo 11.311 homens e 11.668 mulheres; e uma densidade demográfica de 49,42 hab/km².

Diante das mudanças que acompanharam Rio Tinto, o espaço físico onde hoje é a Senzala passou por diferentes momentos e tem uma trajetória guardada na lembrança de muito dos moradores dessa cidade. São memórias que ficaram marcadas na cidade e que discutiremosa partir das lembranças das mulheres que vivem nesse lugar.

1.2. As ocupações do espaço antes da Senzala

As mulheres que vivem na Senzala, hoje, contam que na década de 1960, época em que funcionava a Companhia de Tecidos, existia ali um depósito ao ar livre onde se guardavam grandes metros de lenha que abasteciam a fábrica (ver fotografia 1)

⁷ Grande parte das casas de Rio Tinto é habitada por ex-operários da fábrica de tecidos ou por filhos de antigos operários que pagam aluguéis com preços simbólicos há muito tempo e consideram já terem pago pelas propriedades. Já os Lundgren, querem que os moradores continuem pagando os aluguéis e que tudo continue como está. <http://pbvale.com.br/politica/buba-declara-apoio-ao-movimento-liberta-rio-tinto/17/11/2017 10h00min>.



FOTOGRAFIA 1- Metragem de lenha na década de 1960

FONTE: Histórias de Rio Tinto

Essas lenhas eram levadas por uma locomotiva movida a vapor para as caldeiras da fábrica, segundo o relato das moradoras da Senzala, havia uma linha de trem neste espaço físico que fazia o trajeto pela Rua da Mangueira até chegar ao caminho que dava acesso a fábrica, hoje ainda podemos ver na entrada da antiga fábrica uma locomotiva parada.

Diante dos relatos das mulheres e das fotos obtidas durante a pesquisa, tento reconstituir, brevemente, episódios ocorridos nesta área da Cidade onde hoje é a Senzala. Dona Hortência, 73 anos - uma das filhas do Sr. Moiséis, que era chefe da tijoleira (olaria) e moradora da Rua da Palha⁸, que hoje se chama Rua São José - conta um pouco de suas lembranças desse tempo.

Eu lembro bem desse tempo, era nas segundas-feiras que o motorista da Maria Fumaça chegava apitando sempre que ia pegar lenha, ele apitava porque já sabia que eu mais outras mulheres pegava carona na Maria fumaça pra ir pra Taberaba um interior aqui perto da Senzala, agente chamava de Maria fumaça porque ela funcionava com lenha e fazia muita fumaça, soltava aquelas brasas de fogo. Uma vez saiu um torrão de fogo que queimou meu vestido (risos). A Maria fumaça, tinha um galpão enorme com umas grades altas e vinham de volta de Taberaba equipado de lenha, eu e minhas amigas víhamos a pé, não tinha como agente vim, não cabia agente. Eu tenho até uma foto na Maria fumaça, saudade desse tempo, era bom e era ruim. Eu me lembro de muitas coisas desse tempo, tempo que agente de sete horas da noite tínhamos que se deitar, mandavam agente ficar dentro de casa a partir de sete da noite, mesmo na época que eu era menina eu lembro da minha mãe conversando e falando o que acontecia em Rio Tinto e o que os capangas do coronel Frederico fazia. (Dona Hortência, 2018).

⁸Segundo dona Hortência se chamava Rua da Palha porque todas as casas eram feitas de taipa e palha de coco.

Em outro contexto da história de Rio Tinto as lembranças da Senzala giram em torno das festas de vaquejada. A Cidade de Rio Tinto sempre foi conhecida como uma Cidade festeira e a vaquejada do dia 7 de setembro perdura até os dias de hoje. Este espaço onde é a Senzala também foi cenário das festividades da semana da independência, onde acontecia a vaquejada do dia 7 de setembro nos anos de 1960 (ver fotografia 2).



FOTOGRAFIA 2: Vaquejada na década de 1967

FONTE: Mamanguape conta suas histórias

Dona Cravina não é moradora da Senzala, mora na rua formosa, localizada bem próxima a Senzala, e conta que tem muitas lembranças dessa época, que a vaquejada era cercada de arame farpado e que tomava todo o espaço onde hoje é a Senzala.

Como pudemos observar, o local onde hoje fica a Senzala foi utilizado de diversas formas, principalmente por ser um espaço amplo, mesmo fazendo uso desse espaço, o poder público nunca se preocupou em resolver, ou pelo menos amenizar, o problema que até hoje assola esta parte baixa da cidade, as enchentes.

Diante das mudanças de governo e das organizações sociais, mudavam-se também os usos desse espaço. Nos anos de 1970, este espaço foi utilizado para práticas de lazer. Os jovens faziam deste local, que na época era um campo enorme, um lugar de brincadeiras onde crianças e adolescentes andavam de bicicletas e jogavam bola. O

campo foi chamado de “Assisão”, segundo os relatos de moradores antigos da Rua Formosa, que brincavam de pelada (bola) à tardinha, vinham amigos de outras ruas da cidade e quase todos os dias jogavam bola no campo de pelada “O ASSISÃO” (ver fotografia 3).



FOTOGRAFIA 3: Campo do Assisão

FONTE: história de Rio Tinto.

Hoje, onde existia “O ASSISÃO” funciona a Escola Municipal Antônia Luna Lisboa (ver fotografia 4) onde foram matriculados, no ano de 2018, 880 alunos do ensino fundamental divididos entre o turno da manhã e da tarde. Esta escola divide o espaço com a Senzala apenas por um muro.



FOTOGRAFIA 1 – Escola Municipal Antônia Luna Lisboa

FONTE:<https://www.facebook.com/escolaantonialunalisboa/photos/a.1524460404438817/1524460421105482/?type=1&theater>

O espaço onde hoje é a Senzala também foi o Mercado e a feira-livre da cidade de Rio Tinto, nos anos de 1980. Instalado neste local que sofria com as chuvas, na metade do ano, segundo os moradores, as mercadorias ficavam completamente dentro d'gua, ficando difícil de caminhar na feira por conta dos buracos que se formavam com as chuvas. Uma moradora da Senzala disse que “*não tinha calçamento e o barro escorregadio deixava ainda mais difícil a situação, quando a chuva acabava parecia que passou um furacão tudo sujo de lama, não tinha como andar por essa lama*”. A moradora Cravina nos conta:

Eu achava tão bom a feira aqui perto da minha casa, parecia dia de festa, era um movimento e aquele falatório, gente pra lá e pra cá (risos). Era ótimo! Mas no tempo das chuvas a situação era difícil, tanto para nós que íamos fazer a feira compra os feirantes que perdiam, muitas vezes, as suas mercadorias”.

(Cravina, 2017).

Apesar dos moradores sempre questionarem, esse problema nunca era solucionado, permanecendo sem nenhuma infraestrutura. A feira e o mercado continuavam em situação precária e desordenada. Segundo moradores dessa época (1980), o local era difícil de ter aproveitamento e os políticos não se interessavam em investir ali. Segundo Alves (2016), a feira neste local não estava contribuindo para os comerciantes, principalmente os que vinham da zona rural com suas mercadorias e encontravam um local sem higiene, impossibilitado de abrigar as mercadorias e os feirantes.

No ano de 1984 foram tomadas providências, o mercado público e a feira foram construídos na área alta da cidade, no centro da cidade. Esta época fazia pouco tempo do fechamento da fábrica e segundo Panet (2002) o comércio de subsistência ganhou êxito na cidade mudando a urbanização e o cotidiano em Rio Tinto, e os moradores buscaram uma forma de se organizarem economicamente neste novo cenário. De acordo com Egler (1986 Apud PANET, A. et al, 2002, 38-39) “Entre 1981 a 1985, a Companhia de Tecidos Rio Tinto vende 30.084 há, no total de 65% das terras do grupo Lundgren para a agroindústria”.

O mercado e a feira hoje permanecem no centro da cidade e já foram realizadas outras reformas no local. No ano de 2014, o mercado que ainda não era coberto, ganha nova forma, uma cobertura enorme favorecendo os feirantes com suas mercadorias que antes eram vendidas a céu aberto. O mercado de nome Santo Augustinho se tornou um ambiente organizado, calçado e com divisórias bem planejadas, o que o torna atraente aos olhos de quem vem visitar a feira-livre e o mercado em Rio Tinto.

1.3. O processo de ocupação do espaço que viria a ser a Senzala: relatos sob os olhares femininos

O relato sob os olhares femininos traz um pouco do momento em que as mulheres começaram a ocupar os “quartinhos” da Senzala, quando não tinha nem o que colocarem dentro dos quartos que ocupavam, tempo de muita precariedade. Para compreender as suas narrativas e conhecer a história delas e da comunidade procurei ter acesso a bibliografias e fotografias que me forneceram uma base inicial. Na pesquisa com as mulheres, sobre a época da ocupação, um tempo que marcou muito a vida delas, pude perceber diante da sensibilidade de cada uma, um sentimento de pertencimento, como aponta Koury (2001) quando fala que: “Pertencer assim não é apenas ser, mas estar no mundo. Ou melhor, é ser e estar em um mundo específico que se reconhece como o seu lugar de origem e a partir do qual se pode reconhecer a si mesmo enquanto pessoa e os outros”.

Nas conversas que tive com as mulheres, elas sempre falam dos primeiros dias na Senzala, nos anos de 1980 e 1990. Mesmo com as lembranças destes tempos difíceis, fica claro que elas querem mostrar que o que vemos hoje, na Senzala, é outra realidade, e que de certa forma foram elas que contribuíram para a construção, física e social, desta nova realidade. Elas falam que passaram por momentos muito complicados por conta da precariedade, da marginalidade, das drogas e do álcool nessa comunidade.

Como já mencionado, a Senzala passou por muitos problemas, e por volta da década de 1998/1999 foi inaugurado como Conjunto habitacional Durval Francisco de Assis. O nome é conjunto habitacional, mas não pertence a nenhum programa social de habitação, é um conjunto - aglomerado de casas -, mas tomo a liberdade de chamar de comunidade, pois pelo que pude observar é um lugar de unidade comum, mesmo com todas as divergências e conflitos. A Senzala carrega um ideal de interação que leva os moradores a ajudar uns aos outros. Apesar dos estigmas, a comunidade é muito procurada por pessoas querendo alugar os “quartinhos”.

Nos relatos das mulheres, foi no ano de 1986 que as pessoas começaram a ocupar a comunidade e, aos poucos, foram se ajeitando em seus cantinhos. Eram pessoas de baixa renda que viviam da pesca do trabalho pesado e do corte da cana, entre outros. Essas pessoas além de procurarem um cantinho para morar, estavam à procura de trabalho. Na época elas buscavam um lugar de acolhimento. Podemos pensar a Senzala, a partir do texto do autor Gilberto Freyre no prefácio à primeira edição de “Sobrados e Mocambos” quando fala da época de um novo mundo que chegava às cidades provocando mudanças em formação da sociedade brasileira, segundo o autor Freyre (2003). Pensando assim, relaciono a Senzala e a fase de ocupação na comunidade em que fizeram seus “quartinhos” trazendo uma nova relação de sociabilidade e também um novo desenvolvimento de atividades com outros significados:

Nestas páginas, procura-se principalmente estudar os processos de subordinação e, ao mesmo tempo os de acomodação, de uma raça a outra, de uma classe a outra, de várias religiões e tradições de cultura a uma só, que caracterizam a formação do nosso patriarcado rural e, a partir dos fins do século XVIII, o seu declínio ou seu prolongamento no patriarcado menos severo dos senhores de sobrado urbanos e semi-urbanos; o desenvolvimento das cidades; a formação do povo brasileiro. Gilberto Freyre (2003 p 17.)

A época da ocupação ficou marcada como uma lembrança de resistência e de luta, causadas por conflitos entre os que ocupavam e a prefeitura que tentava impedir que o lugar fosse “invadido”, isto, porque o lugar não oferecia nenhuma infraestrutura que pudesse abastecer as famílias que reivindicavam moradia. Voltando um pouco na década de 1980, de acordo com o texto de Alves (2016) a política em Rio Tinto era dividida por duas lideranças, e de quatro em quatro anos o espaço físico do mercado era modificado da parte baixa da Cidade para o centro, e embora o terreno pertencesse a

Companhia de Tecidos de Rio tinto, ela não interferia nestas questões do mercado, a questão era sempre política, como diz Alves (2016):

Na gestão do prefeito José Maranhão da Silva, no ano de 1980, foi sancionada a Lei de nº 412, na qual aprovou a construção do “Centro de abastecimento Municipal vereador Severino Joaquim da Silva”, em que aprova as feiras-livres e os comércios ambulantes e fixos. Mediante esta lei, ficou determinado este local como fixo do mercado público de Rio Tinto (ALVES, Maurisônia S. de S, 2016, p.17).

Segundo as mulheres da Senzala, o prefeito Augusto Rodrigues, em 1984, tomou providências para mudar de lugar o mercado público, argumentando que a vigilância sanitária desativou o local por falta de higiene e segurança. O prefeito mudaria o mercado para o centro e resolveria dois problemas tirar a feira da lama, beneficiando a população e os feirantes, e com isto beneficiava ele próprio, que com a feira no centro aumentava as vendas em seu supermercado, localizado no centro.

Na época, alguns comerciantes, que eram donos de Box e galpões do mercado, venderam para conhecidos ou repassaram para familiares, enquanto outros galpões vazios foram ocupados por famílias em busca de moradia, e isso gerou um conflito exaustivo entre eles. As mulheres que acompanharam esse processo, e que hoje ainda moram na Senzala, relatam que a prefeitura sabendo das ocupações, tomou devidas providências de cobrar por lotes fornecendo os alvarás para os que podiam dar algum dinheiro para a compra.

Entre algumas mulheres que fizeram parte da ocupação, dona Dália relatou momentos difíceis que passou com seu filho pequeno em busca de um “quartinho” para morar. Disse que ficava noites acordada por conta da falta de proteção nos barracos, sem energia elétrica, e que via quando algumas pessoas vinham da zona rural, na madrugada, tentar ocupar os galpões. Via também essas pessoas tendo que sair às pressas quando a prefeitura era avisada. A prefeitura, sabendo que pessoas de outras partes da cidade estavam tentando “invadir” os galpões cercou o local onde era o antigo mercado, de arame farpado, e colocou um portão onde ficava a guarita do vigilante que controlava as pessoas que podiam entrar. O vigilante tinha a chave do portão e ordem para fechar às dez horas em ponto, e não deixar ninguém passar depois deste horário; quem chegasse fora da hora determinada que passasse por baixo do arame farpado. Dona Dália disse que várias vezes passaram, ela e o filho pequeno, mais de dez horas, por baixo do arame, “Eu gostava de ficar conversando e quando via já era tarde e tinha

que passar por baixo do portão, então passava eu e meu filho por baixo do arame (risos)".

O nome “Senzala” surge a partir desses acontecimentos, no início das ocupações, e é a partir das narrativas das mulheres que vivem na Senzala, desde essa época, que consigo refletir sobre os significados desse lugar. Toda significação que as mulheres dão a Senzala pode ser observada a partir da construção de elementos simbólicos de reciprocidade, vizinhança e laços de sociabilidades, a partir também da moral e do conflito instituídos nessa comunidade (PARK, 1967).

Minhas inquietações sobre o nome “Senzala” surgem exatamente deste questionamento, o porquê e por quais acontecimentos os moradores chegaram a esta denominação? O que significava e o que significa esse nome? Qual o sentido que essas mulheres dão ao lugar a partir de seus olhares, como moradoras, enfatizando o cenário que vem compondo ali?

Quando comecei a pesquisa na Senzala não perguntei o porquê de o lugar ser conhecido por esse nome, e nas primeiras visitas que fiz como pesquisadora não questionei sobre a origem do nome Senzala. Foi nas conversas que tive com as mulheres que fiquei sabendo que o nome Senzala foi colocado pelos próprios moradores. Para obter informações sobre a Senzala e as mulheres não apliquei questionário com perguntas estruturadas, elas sempre ficavam a vontade para falar, eu apenas dizia o assunto sobre o qual tinha intenção de falar, apenas para algumas das mulheres eu fiz perguntas. Assim, nós conversamos sobre muitos assuntos, e dona Dália falou que no momento em que a polícia foi em sua casa, pedir que ela abandonasse a Senzala, ela disse que foi com o policial, mas assim que pôde voltou com o filho nos braços, ela disse que não confiava na polícia e que queria ficar sem um lugar para morar, que já havia deixado a casa dos pais e não podia voltar para lá.

Mesmo sem perceber, todos, em especial as mulheres que estavam ali, tentando ocupar os “quartinhos”, em busca de uma moradia, estavam movendo uma forma de ação política, e fizeram parte da história da cidade que, mesmo sem apoio de um político ou de um movimento social, estabeleceram uma força importante que ficou marcada para a cidade, como também em suas vidas, afinal a Senzala existe porque essas pessoas, em especial, essas mulheres, brigaram pela sua existência.

Foi e é através da força dessas mulheres que a comunidade existe. Este local trouxe para elas formas específicas de sociabilidades importantes e recíprocas, elas deram a Senzala um sentido, significados, como propõe Geertz (1989, p. 16), nas suas

palavras “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

Portanto, os moradores e, especialmente, as mulheres que participaram de todos os momentos de dificuldades na Senzala, se destacam como pessoas que conseguiram fazer desse espaço, que não tinha serventia, um lugar, um lar.

As mulheres quando falam deste tempo não demonstram tristeza, pelo contrário, elas se sentem fortalecidas e não sentem desconforto quando falam que são da Senzala, não se preocupando com os estigmas de “favelada”. Como diz dona Lírio costureira, “esta é uma comunidade igual a tantas outras, com seus problemas, e nós somos pessoas que trabalham e que vivemos nossa vida como todo mundo”.

1.4. A Senzala e as mulheres - As mulheres e a Senzala

Para falar sobre a Senzala conversei com muitas mulheres e busquei compreender esse lugar a partir de seus relatos e lembranças, das explicações das transformações sociais e políticas pelas quais este espaço, físico e social, passou. Desta forma, as narrativas das mulheres me ajudaram a perceber o significado que tem as sociabilidades na Senzala, construídas e compartilhadas por elas, que só podem ser observadas quando o olhar antropológico é acionado, fazendo com que o pesquisador comprehenda a forma como esses indivíduos interagem, partindo da ideia de que “a sociação é a forma pela qual os indivíduos se agrupam” (SIMMEL, 1983, p.166). Simmel fala sobre isso quando observa as “formas de vida social” a partir dos interesses com que os indivíduos entram em interação.

A Senzala fica localizada na parte baixa da cidade de Rio tinto e é considerada uma região periférica, mesmo fazendo ligação espacial com instituições importantes. A Senzala ocupa quase o mesmo espaço do prédio da prefeitura, o quintal da prefeitura faz fronteira com a Senzala, bem como com à escola municipal Antônia Luna Lisboa.

O estereótipo que a Senzala carrega tem a ver com o contexto histórico em que esse lugar foi inserido, com a falta de infraestrutura que existe no local, entre outras coisas. As sugestões para esse comportamento humano no meio urbano podem ser observadas a partir das ideias de Robert Park, em “A planta da cidade e a organização local” o autor enfatiza que os quarteirões são locais que atribuem valores aos habitantes, os gostos e interesses em comum entre os indivíduos que classificam a população.

Para entrar na Senzala temos seis caminhos (ver na **figura 5 e 6**), onde ficam localizados igrejas Assembléia de Deus, Presbiteriana e a sede das Franciscanas a

prefeitura de Rio Tinto, a escola municipal Antônia Luna Lisboa e o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais (ver nas figuras 5 e 6).

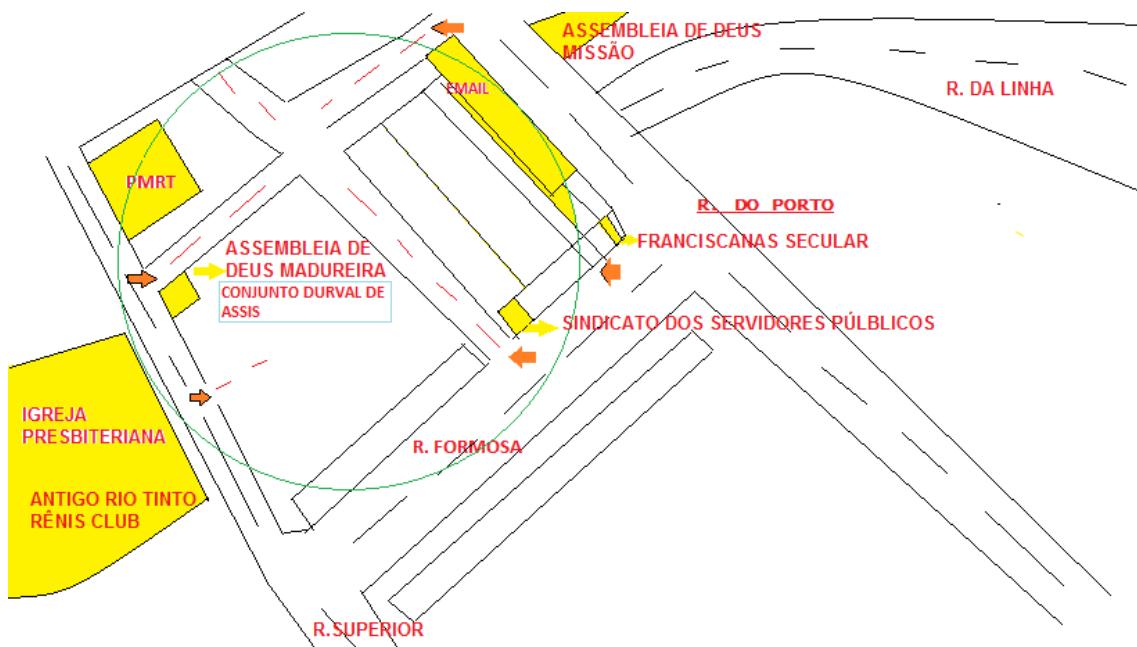


FIGURA 5: Mapa da Senzala demonstrando as vias de acesso da Senzala
FONTE: produzida por Dilma Dantas para demonstrar as distribuições das vias de acesso da Senzala (2019)

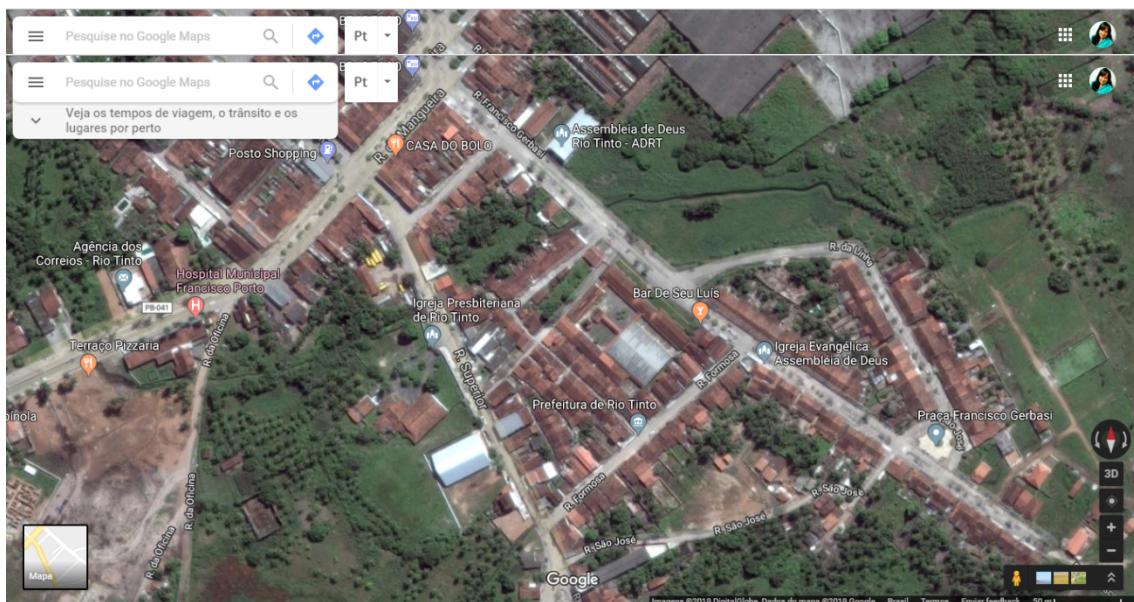


FIGURA 6: imagem de satélite do Conjunto Durval Francisco de Assis e as vias de acesso
FONTE: Google Maps 2012 – parte baixa da cidade de Rio Tinto - PB

Os moradores da Rua São José, Rua Superior, Rua Formosa, Rua do Porto, Rua da Linha e as avenidas que cruzam essas Ruas, todas interligadas, fazem da Senzala

seu trajeto, indo para o centro ou para os seus locais de trabalho - instituições que ficam nas redondezas (ver figuras 5 e 6).

As pessoas criam, através destes trajetos, uma visão otimista da Senzala e não percebem só os pontos negativos, estigmatizados, ou seja, esta desaprovação e essa marca que a Senzala recebe de “valorização social negativa” passam a ser percebidas de outra forma, de outro ponto de vista, a partir das pessoas que estabelecem a Senzala como seus trajetos diários.

Ao longo dessa pesquisa, como propõe Magnani (2002), lançamos um olhar, para a Senzala, “De perto e de dentro” ao invés de “Fora e de longe”, percebendo como os moradores constroem “arranjos coletivos” fazendo usos do que a cidade pode oferecer. Essa visão que o autor apresenta o olhar de perto e de dentro significa um método antropológico para observar e etnografar a forma como se organizam cotidianamente, e como elaboram os seus modos de vida, os indivíduos no urbano e, nesse caso específico, as mulheres, da Senzala.

Porém, não podemos negar que a imagem estigmatizada e os estereótipos (GOFFMAN, 1978) ainda circundam a Senzala, muito embora a Senzala, hoje, seja vista como uma comunidade melhor para se morar. Segundo moradores, existe consumo de drogas e álcool no local, e há setores que é melhor para se morar, existem aqueles vizinhos que tumultuam o ambiente, mas eles falam “Desde que não mexam com ninguém aqui, está tudo mais ou menos bem”. Dona Margarida em um trecho de sua entrevista fala sobre sua relação como moradora da Senzala:

Eu gosto daqui, essa parte aqui que eu moro é boa porque tem saída aqui pra traz, agora a ⁹cramussaque mora ali (balança a cabeça como sinal de rejeição). Eu acho bom aqui, me dou bem com todo mundo, só acho ruim esses estudantes universitários (Margarida, 2018).

Para entendermos porque a Senzala carrega todo este estigma é preciso que entremos em seu contexto social. O terreno onde hoje é a Senzala é situado em uma área baixa da cidade de Rio Tinto, como já mencionado, e em época de muitas chuvas fica alagado provocando enchentes. A maior enchente dos últimos anos foi a de 2011, quando a prefeitura decretou estado de calamidade e as famílias prejudicadas fizeram um cadastro para receber cesta básica e colchões (ver fotografia 7).

⁹ Se referindo à bagunça.



Fotografia 7 - Enchente ocorrida na Senzala em 2011

Fonte: Biblioteca Municipal José Américo, Rio Tinto-PB

Nesta época (2011) o Tiro de Guerra Unidade Militar do Exercito Brasileiro 07001, de Rio Tinto, compareceu para ajudar as famílias a se deslocarem dos lugares em risco, e muitas destas famílias se abrigaram na escola municipal que fica vizinha a Senzala, outras famílias foram para casa de parentes enquanto a água secava dentro das casas. 2011 foi um ano muito difícil para os moradores das áreas baixas, em especial para a Senzala, porque os moradores não tinham condições para comprar móveis novos, tendo em vista que perderam tudo com as águas.

A falta de infraestrutura coopera para que essas enchentes aconteçam, mas existem outros fatores. Segundo os moradores de Rio Tinto, os políticos não se interessam em conseguir drenagem para o “rio da maré da draga”, como é popularmente conhecido o Rio Mamanguape, e “os políticos que moravam nesta área baixa depois que ganhavam as eleições, ao invés de ajudar aos seus eleitores, eles mudavam e levavam seus parentes para a área alta da cidade, se livrando do desconforto causado pelas enchentes”. Este local é conhecido de forma “ressentida” como “cidade turística de Veneza rio-tintense”¹⁰.

Os moradores contam que na época em que o ex-prefeito Tenente José Maranhão morou na Rua Formosa, também área baixa, vizinha a Senzala, passaram-se

¹⁰ Os moradores chamam de “Cidade turística de Veneza” porque nesta época de grandes chuvas em que são ocasionadas as enchentes, moradores de toda parte da cidade e cidades vizinhas, como também a imprensa paraibana, vem para esta área alagada e por conta das muitas águas as pessoas improvisam canoas e até quem possui Jet ski usa, para passar de um lado para o outro, chamando a atenção de curiosos.

10 anos sem ter enchente. Dona Margarida fala: “Enfrentei muitas enchentes, mas a de 2011 entrou aqui em casa e tive que subir todos os móveis”. A casa de dona Margarida não é muito baixa e a enchente não chega com facilidade dentro de sua casa, por isso ela fala que foi a maior enchente desde que ela foi morar na Senzala.

A Senzala é uma comunidade formada por pessoas simples, muitas das mulheres que ali habitam, trabalham no comércio da cidade. Ali também moram aposentados, e nos últimos anos há uma grande procura por parte dos universitários, por causa do preço acessível dos aluguéis.

Foi na década de 1990 que a Senzala recebeu, através da prefeitura, o nome de Conjunto Habitacional Durval Francisco de Assis¹¹. Moradores da Senzala falam que só inauguraram com o nome de conjunto por interesse político, era ano de eleições, eles acrescentam que foi nessa época que os políticos passaram a se interessar pela Senzala, que apesar de ainda hoje sofrer com a falta de infraestrutura, o lugar está muito melhor do que antes. Dona Dália, moradora da Senzala desde a ocupação, fala “Agente mora aqui e somos limpos, a frente da nossa casa é varridinha e sempre que tem algum vizinho que não se importa muito de limpar, agente reclama, porque a gente tem que fazer a nossa parte também”. A fala de dona Dália demonstra como os moradores têm cuidado com a limpeza e o bem-estar de todos, embora as autoridades precisem fazer a sua parte.

Neste trabalho, prefiro chamar a Senzala de comunidade, ao invés de conjunto habitacional, pois observei que este é um lugar onde as pessoas compartilham uma vida em comum e isto pode ser entendido através da interação entre eles onde as relações de troca são frequentes. No meu entendimento, conjunto habitacional são casas construídas e padronizadas, com uma estrutura diferenciada do que podemos ver na Senzala, casas entregues pelo governo, feitas por programas sociais de habitação. Esse, definitivamente, não é o modelo existente na Senzala.

A princípio, eu me perguntava: será que mudar o nome da Senzala para conjunto habitacional seria uma forma política de tentar afastar o estigma que envolve este lugar a partir do que significa o nome Senzala? Afinal, o nome conjunto habitacional para a cidade daria outra visão, um ar de embelezamento. O nome Senzala remonta aos conflitos existentes entre os moradores do local e o poder público, por volta de 1987, quando os próprios moradores, na época, foram chamados de “invasores”, nominaram o

¹¹ Segundo Alves (2016) ele que exerceu o cargo de vice-prefeito na década de 1960.

lugar de Senzala, nome que pode ter sinônimo de estigmas, mas representa lutas e conquistas. Desta forma os que vivenciaram a história da Senzala acabaram relacionando os percalços ao que acontecia na novela “Senzala de escravos”¹².

Dantas (2009) discorrendo sobre as implantações urbanas em Rio Tinto descreve a Senzala como um “Aglomerados de casebres”, que formam vielas dispostas de forma não planejada para uma população pobre, situada em áreas invadidas, pertencentes à família Lundregen, são casebres que se situam em áreas alagáveis”. Segundo as mulheres com as quais conversei esta área sempre alagou, mas na década de 1970 trabalhadores da fábrica, que exerciam o cargo de “Mestre”, moravam nas ruas que cercam a Senzala e que eram consideradas, na época, umas das melhores ruas da cidade. As casas consideradas mais pobres eram as da rua São José porque eram casas de palha, como já mencionado aqui. Na época em que a fábrica funcionava, existiam hierarquias entre os moradores, de acordo com suas atividades profissionais e cargos ocupados na fábrica obtinham casas melhores, como os chalés no centro da cidade.

A Senzala é formada por casas muito próximas umas das outras, e nestas os cômodos são muito pequenos. Os quintais muitas vezes são de frente com as frentes das outras casas, favorecendo a interação e a conversa cotidiana, por outro lado pode atrapalhar a privacidade de alguns que queiram ou gostem de ficar só, e que não são muito de conversar. Dona Gardênia, diz: “Não gosto de sentar na porta de ninguém, de ficar de moído numa rodinha de conversa, isso só dá em fofoca (risos)”.

Os becos que ficam por trás das ruas principais, as pessoas fazem de caminhos, quando na verdade são os becos das casas, que são feitos de trajetos para circular no meio da Senzala formando labirintos que dão acesso a diversos lugares. A maioria das casas da Senzala foram reformadas, principalmente as casas das ruas principais, como a Rua Santo Antônio, Rua São Jorge, Rua Bom Jesus e a travessa São Jorge, onde fica o portão do Centro Religioso da Girassol.

O Centro Religioso São Jorge Guerreiro, regido por uma influente Yolorixá, se localiza na Senzala, segundo Alves Junior (2016, p. 32) “Esse terreiro de Umbanda tem mais de trinta anos de fundação e de registro junto a Federação Paraibana de Cultos Afro-brasileiros da Paraíba”. O centro religioso é localizado na Rua Bom Jesus, a

¹² Novela Sinhá-Moça exibida às 18hs na TV globo no ano de 1986 de autoria de Benedito Ruy Barbosa. Memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/sinhá-moça-1-versao/trama-principal.htm 23:24hs

principal Rua da Senzala. Na entrada tem um portão com uma placa e o nome do terreiro (ver fotografia 8).



FOTOGRAFIA 8 – portão de entrada do Centro religioso (São Jorge Guerreiro)
FONTE: tirada por Dilma da Silva Dantas - 2018

Os festivais de toque¹³ que acontecem em datas específicas atraem pessoas de diversas localidades. Assim, o festival público é proferido com dança ao som de tambores: “O toque, ou festival público com danças e cânticos ao som de tambores especiais, coroadas por possessões às vezes de grande efeito dramático” (RENÉ RIBEIRO, 1952, p.68)

Apriori, a partir de um primeiro olhar, destreinado, podemos perceber uma desordem nos espaços e nas casas da Senzala, mas ao conversar com a agente de saúde que trabalha no local, percebemos que todas as casas possuem número e são identificáveis; primeiro identifica-se o nome da rua para saber os números, os

¹³ São cerimônias, rituais que acontecem em datas festivas. Onde cultua Umbanda, Candomblé, Nagô, onde são incorporados, nesta cerimônia pública, desde deuses, pomba-giras e êres.

moradores não confundem e não acham que existe desorganização, apenas quem não conhece é que não percebe que existe uma organização local.

Percebemos também que os moradores vão reformando e construindo suas casas como podem e, muitas vezes, os espaços mesmo muito pequenos são aproveitados ao máximo, o que acarreta em um aumento das vielas. Os aluguéis na Senzala estão cada vez mais caros, existem casas que possuem cômodos maiores com saídas por trás e outras que só possuem porta na frente, sem quintal.

Como já mencionado, a Senzala é uma comunidade muito conhecida na cidade de Rio Tinto, como também em cidades vizinhas. De acordo com os dados do PSF das Palmeiras, do ano de 2018, a Senzala possui: 119 domicílios, sendo 26 alugados e 19 fechados para alugar; 74 famílias; 124 homens; 149 mulheres; 37 jovens e 56 crianças.

Muitas pessoas que moram na Senzala trabalham para contribuir com a economia da cidade, mas essa comunidade já passou por muitos problemas e de vez em quando esses problemas reaparecem. Alguns desses problemas são enfrentados pela sociedade em geral, questões que envolvem as desigualdades, como também o conflito e a violência, estãopresentes em todos os lugares. William Foote Whyte (1914-2001) em “Sociedade de Esquina” descreve uma pesquisa realizada numa sociedade considerada desorganizada, e enfatiza que ali se encontra um “complexo sistema de relações entre os grupos, redes sociais e interações individuais que expressa densos e ricos conjuntos de significados” (1943, p.13) nos ensinando a perceber a dinâmica que os atores estão construindo e produzindo em interação uns com os outros. É a partir desse olhar que esta pesquisa foi realizada, com foco nas noções de sociabilidades construídas a partirdas interações e contadas pelas mulheres que vivem na Senzala.

Em 2017, quando comecei uma pesquisa com as mulheres da Senzala, ainda não pensava no meu Trabalho de Conclusão de Curso, mas esse primeiro olhar lançado sobre as mulheres daquela comunidade me trouxe inquietações, pude perceber que elas tinham algo a mais para contar. Pensando nisso, resolvi trabalhar o cotidiano destas mulheres em interação procurando compreender o significado de onde vivem e como interagem. Sempre achei interessante pensar e estudar o cotidiano das pessoas, as formas de interação, os modos de vida, a conexão com o lugar de moradia, o estabelecimento de normas, os conflitos, a construção das comunidades, as lutas, os gostos, as preferências, etc. Por isso, considero relevante compreender o cotidiano e a sociabilidade das mulheres que compõe a Senzala a partir das suas vivências, troca de

experiências, do contexto social no trabalho, dos esforços para construir uma vida digna, proporcionando escola, alimento e lazer para elas e suas famílias.

Para tal empreendimento, a Antropologia pôde me auxiliar na compreensão do diálogo com o outro, nas trocas de experiências, impressões, na percepção dos modos de vida, como a moradia, educação, lazer, saúde, trabalho e como tudo isso contribui não só para os indivíduos, sujeitos, mas para o local onde eles moram e para a cidade.

As mulheres da Senzala têm diversidades nos seus modos de vida e de trabalho, são catadoras de reciclagem, garis, trabalham em lanchonetes na praça da cidade, são costureiras, feirantes, merendeiras, benzedeiras, atendentes em lojas do centro, diaristas, etc. Para compreender essa complexidade observei as formas cotidianas de sociabilidade das mulheres que moram na Senzala, partindo do princípio de que a interação é um processo social básico, constituída de diversas maneiras, como aponta (SIMMEL, 1996, p.166), quando analisa o conflito como uma forma de interação e de organização e como uma forma de sociação, que não pode ser exercida por um indivíduo sozinho. Busquei compreender os laços de vizinhança e de reciprocidade entre as mulheres que moram na Senzala, bem como os vínculos afetivos que são criados por elas, mediando às formas de sociabilidade que acabam se misturando com o lugar, como indica Park (1967, p.30).

A pesquisa de campo mostrou que o cotidiano e as sociabilidades das mulheres que vivem na Senzala fazem parte de um diálogo que dá sentido às formas de interação específicas, movidas por elementos corriqueiros e significativos. Portanto, entender a proeminência dessas mulheres como também da Senzala nos faz perceber as atribuições e os significados do ser mulher e morar nesta comunidade. As especificidades que

constituem as sociabilidades das mulheres desta comunidade vêm do processo de constituição do lugar que está enraizado num passado em permanência com o presente. Nesse processo de estar em campo, como antropóloga, busquei conquistar a atenção e a sensibilidade das minhas interlocutoras, com o objetivo de compreender o sentimento de pertença, os estigmas, os conflitos, os reconhecimentos envoltos na Senzala, como também as narrativas que são criadas, moralmente, como parte desta rede de aproximações e distanciamentos.

Assim, nessa pesquisa o intuito foi entender a proeminência dessas mulheres e o significado que elas atribuem a morar na Senzala e assim compreender o processo de constituição dessa comunidade. Ou seja, o processo de sociabilidade foi compreendido a partir de um passado em permanência com o presente e para isto os relatos orais das

mulheres trazem questões que podem ser entendidas a partir da relação de sociabilidade, como também de memória, ingredientes essenciais no ofício do antropólogo, na construção social da memória individual e coletiva do lugar, como explica Pollak (2010, p.212).

Para compreender a proeminência e as atribuições significativas dessas mulheres, tendo em vista pertencerem a uma classe desfavorecida, foi necessário considerarmos o quanto elas foram e são conduzidas pela vontade de vencer a partir da luta diária do trabalho. A significação que as mulheres dão a Senzala pode ser observada a partir de como elas foram construindo elementos simbólicos de reciprocidade, vizinhança e laços de sociabilidade a partir da moral e do conflito. Para este trabalho ouvi mulheres que me trouxeram reflexões importantes, mulheres com as mais variadas histórias de vida e diversas formas de trabalho: artesãs, catadoras de reciclagem, feirantes e etc., que diante de suas possibilidades vem conquistando espaços múltiplos na sociedade. Dentre estas podemos citar Girassol, dona do centro religioso São Jorge Guerreiro que mora na Senzala há muito tempo, e Íris, agente de saúde da Senzala há vinte anos, que morou por muito tempo na Senzala. Ambas, mantêm relações cotidianas com as mulheres na Senzala, relações que perpassam a seara do trabalho e da religiosidade.

Após ter acompanhado a trajetória dessas mulheres da Senzala, no tempo e no espaço de uma comunidade que é cenário de diversos significados, por ter sofrido impactos sociais e políticos, posso dizer que hoje a Senzala é permeada de sentimentos e significados atribuídos também e principalmente por elas.

1.5. Senzala – Conjunto Durval de Assis – Senzala

Ao longo da pesquisa, além das entrevistas algumas mulheres me receberam em suas casas para conversas "informais", sem o uso do gravador (celular) e do caderno de campo. É certo que o uso do caderno de campo e do celular, para gravar e para registrar em fotografias é muito importante, e me ajudaram muito na pesquisa, mas houve momentos em que eu precisei estar olhando nos olhos delas, eu senti que algumas se incomodavam comigo tendo que escrever e desviar o olhar delas, e isto as desfocava do assunto, por isso usei mais o celular para gravar; eu apenas ligava o celular, o deixava num canto e conversava normalmente.

Uma dessas "conversas informais" foi com dona Orquídea, 51 anos, casada, mãe de dois filhos, moradora da Senzala desde 1994, que conta que apesar da ocupação

ter acontecido em 1986, quando ela chegou à comunidade a situação ainda era muito precária. A infraestrutura não existia, não existia banheiro, apenas córregos com valas fétidas. Dona Orquídea disse que acompanhou o sofrimento das pessoas ali, principalmente o sofrimento das mulheres que é quem faz os afazeres da casa, cuida dos filhos, etc. Não tinha energia elétrica e algumas casas faziam “gato”¹⁴, não tinha como lavar roupas porque não tinha água encanada, não tinha banheiro para fazer as necessidades fisiológicas e isto causava muito constrangimento, pois eles tinham que fazer suas necessidades em um recipiente e jogá-los na vala que ficava no meio do caminho, onde todos podiam ver. Apesar dos moradores sempre reclamarem com as autoridades, os políticos não se interessavam em melhorar a vida das pessoas na Senzala. Dona Orquídea fala que os moradores que habitavam na Senzala, naquele tempo, eram muito mais pobres que hoje:

Alguns tinham uma condiçozinha de fazer um banheiro, uma encanação, eu mesmo fiz devagarzinho, mas fiz. Naquele tempo meu marido bebeu uma cachaça para poder entrar na vala e colocar a encanação que era por debaixo da vala fedida, que era aqui do lado da minha casa. Naquele tempo, fui várias vezes para a CAGEPA para eles vim fazer a encanação e ligar a água aqui em casa, mas eles nunca vinham, então meu marido fez, depois, com um tempo, eles vieram querendo quebrar o que foi feito pelo meu marido e agente não deixou, veio até vizinhos pra cá pra frente da minha casa me ajudar pra que eles não quebrassem a ligação que meu marido fez. Sabe, Dilma, o meu banheiro e a parede da prefeitura é conjugado mesmo, e eu me lembro que quando eu precisei de um lugar pra morar, me disse, Maria tem quartos pra alugar na Senzala e eu vim e comprei o terreno por 15 reais. A dona do terreno não quis porque o local era muito alagado, e eu sofri muito para colocar metralha para aterrinar aqui, porque não tinha como entrar carro aqui, e eu carreguei as metralhas numa lata na cabeça, foi muito difícil. E tinha um quarto aqui de frente, que neste tempo funcionava a delegacia e ficavam uns presidiários aí. E as pessoas que vinham se refugiar aqui era as que não tinham nada, muito pobre. (D. Orquídea, 2018).

Dona Orquídea, mesmo sem ter participado do início da ocupação dos moradores na Senzala, conviveu com boa parte do sofrimento que as mulheres passaram ali, viu a fragilidade dos moradores que buscavam ter um lugar para morar, para construir suas famílias e ter um lar; uns construíram suas casas com o pouco que tinham e outros foram se adaptando e dando sentidos ao lugar.

Quando as mulheres falam desses momentos percebemos que elas vão dando sentido ao lugar, a Senzala construída através de lutas, sentimentos, afetos e resistência.

¹⁴Ligaçao de energia clandestina. Disponivel em:
<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/gato/15/> 00:hs

Essas mulheres foram modificando a Senzala, e essas lembranças de luta e conquistas estão ali em todas as vielas e todas as ruas, inclusive, foram elas que deram o nome a cada Rua, a partir de seus sentimentos e lembranças. Segundo Park (1979) “Os quarteirões são locais que atribuem valor aos habitantes”, afirmando que no local que moramos está também nossos sentimentos e nossas histórias. A Senzala tem a sua história, aos poucos os próprios moradores foram se organizando e organizando esse lugar. E mesmo com a mudança do nome para conjunto Durval de Assis, a Senzala ainda é a Senzala, ou seja, apesar dos moradores terem procurado mudar o nome da Senzala, ela continua a ser reconhecida, como tal, até por eles próprios, os moradores.

De acordo com o texto de Alves (2016) foi no ano de 1995 que os moradores da Senzala começaram a reivindicar, mais enfaticamente, por benfeitorias para o lugar. Nesta época, os moradores se incomodavam por não terem um endereço concreto, não tinha nome nas ruas nem números nas casas, e isso dificultava o recebimento de cartas, documentos, cartão, boletos entregues pelos Correios, etc. Por isso, depois de muito debaterem sobre o assunto, os moradores resolveram se organizar e marcar uma reunião para discutir sobre a possibilidade de um nome definitivo para a Senzala, isto entre os anos de 1998/1999.

Em uma reunião nesse período, estiveram presentes muitos moradores, entre eles, dona Orquídea, o senhor Zé do balão, que na época era morador da Senzala, D. Beti, mulher muito conhecida na cidade, que na época fazia parte da gestão do prefeito Marcus Gerbase, e estava a frente dessa causa recolhendo assinaturas e documentos para levar à câmara dos vereadores. As assinaturas chegaram às mãos dos vereadores que aprovaram que a partir daquele momento a Senzala seria chamada de Conjunto Habitacional Durval Francisco de Assis, em homenagem ao morador de Rio Tinto que segundo Alves (2016) “Exerceu a função de vice-prefeito em 1963 na gestão do Sr. Antônio Fernandes de Andrade (Antônio bolinha)”, que na época foi preso no golpe militar em 1964. Os nomes das ruas do recém denominado Conjunto Habitacional Durval Francisco de Assis também foram escolhidos pelos moradores. Estes providenciaram números para as casas e colocaram placas com os nomes das ruas. As correspondências como as contas de água e energia foram, aos poucos, sendo entregues em suas residências.

A Senzala hoje se encontra bem diferente, não vemos mais valas a céu aberto, as casas são organizadas e visitadas por muitas pessoas, tendo em vista que ali moram muitos aposentados e suas famílias os visitam nos finais de semana. Muitas das casas

são alugadas e os donos sempre estão pintando-as e as organizando-as para atrair inquilinos, as ruas são todas calçadas e limpas.

A maioria das famílias que moram na Senzala são constituídas por mães, que trabalham para o sustento dos filhos, ou por mulheres que com a aposentadoria dão sustento aos demais membros da casa, constituindo-se assim como famílias matrifocais.

Hoje a Senzala é participativa e interage a partir de diversos grupos locais, como na Religiosidade Católica, nos Cultos Evangélicos e nas Cerimônias de Umbanda. O PSF trabalha dando assistência médica junto a Pastoral da Criança. Todos os anos a área da saúde municipal vai vacinar os animais domésticos que recebem vacina anti-rábica; as visitas de políticos, durante a campanha eleitoral, também são constantes.

As mulheres da Senzala são guerreiras e possuem diversas formas de trabalho, elasvão construindo, com sua força e coragem, as possibilidades que dinamizam o seu dia a dia, sempre de cabeça erguida. Algumas falam da submissão que viveram/vivem por serem mulheres, por não terem trabalho, por serem “mães solteiras”, situações que fortalecem o pensamento cultural de inferioridade da mulher na sociedade, e segundo Ortner (2008) “trata-se o fato de que a mulher tem status inferior como também a valorização relativa e o não reconhecimento culturalmente na sociedade”. Mas, essas mulheres mesmo com todos esses impasses conseguiram, ao longo do tempo, ser independentes, criar seus filhos, tomar conta da casa, trabalhar fora, etc.

Neste capítulo, procurei contextualizar um pouco da história da cidade de Rio Tinto, enfatizando o meu campo de pesquisa, a Senzala.

No capítulo seguinte faço uma incursão teórica dialogando com autores que me fazem refletir o campo e as questões que circundam essa pesquisa partir dos estudos sobre a cidade, o cotidiano e as sociabilidades das mulheres na Senzala

CAPÍTULO 2: Percebendo o campo e desenvolvendo a pesquisa

2.1. Incursão teórica

É a partir da década de XX que os estudos da Escola de Chicago desenvolveram pesquisas voltadas para as sociedades em processo de urbanização, um dos maiores representantes dessa escola é Robert E. Park, que produziu estudos urbanos relevantes nos Estados Unidos. Outro teórico norte-americano, Louis Wirth (1987-1938) e o europeu Georg Simmel também desenvolveram estudos importantes sobre sociedades urbanas.

Georg Simmel, na década de 1930, realizou trabalhos propondo um modelo denominado de sociologia formal e discutiu as relações de sociabilidades, compreendendo-as como “formas lúdicas e recíprocas de associação e interação, livre de qualquer conteúdo material” (1987, p.64). Max Weber também se destaca por desenvolver estudos sobre a cidade na passagem do século XIX para o XX trazendo uma discussão sobre o desenvolvimento do mundo moderno e econômico, do capitalismo e do mercado.

O que temos de novidade a partir da Escola de Chicago são as pesquisas etnográficas com diversos enfoques, diferentes ângulos. Frúgoli Jr. (2005, p.137) sintetiza que os teóricos dessa escola abordaram assuntos sobre marginalidade, criminalidade, segregação étnica, e acrescenta que esses estudos mostram uma “organização” ou “ordenação” entre os fenômenos existentes na diversidade do contexto urbano.

Na pesquisa de Whyte (1943), sobre um bairro italiano de Boston, percebe-se que apesar da sociedade demonstrar que havia uma segregação e desorganização, os moradores mantinham uma organização local própria, que só poderia ser entendida através das atividades que eles mantinham com outros grupos.

No Brasil, na década de 1970 e 1980, autores como Gilberto Velho e Viveiros de Castro chamavam atenção para os estudos das “sociedades complexas”, em São Paulo as pesquisas realizadas por Magnani, nas periferias, buscaram a compreensão das redes de sociabilidades cotidianas, de vizinhança, e seus significados.

Frúgoli Jr. (2005, p. 149) afirma também que as “interlocuções” entre a Antropologia e a Sociologia revelam um “campo fértil para as diversas formas de estudos das cidades proporcionando uma crescente autonomia à esfera antropológica”.

Neste trabalho usamos o termo sociabilidade a partir das ideias apresentadas por Georg Simmel, que diante das mudanças causadas pela industrialização refletiu o modo das relações entre as pessoas e o meio onde elas vivem. Para Simmel (2006) a “categoria sociológica” sociabilidade é “a forma lúdica da sociação” que o autor entende como uma forma de reunião de um caráter imaterial e muito peculiar. No conceito de Simmel a sociabilidade pode ser entendida como provocadora de alegria e de descontração, como também de trocas de experiências onde se encontram sentidos e significados, mesmo que essas relações não sejam harmoniosas. Assim, nas palavras de Simmel “é através da sociação que os indivíduos produzem e reproduzem o que poderíamos denominar de sociedade” (2011, p. 99).

O objetivo deste trabalho é discutir a sociabilidade e o cotidiano das mulheres na Senzala. Simmel concebe a sociedade, transformadora de ações recíprocas dizendo que “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca¹⁵ que exercem uns sobre os outros” (2006, p. 17). Portanto, o autor traz reflexões relevantes para esta pesquisa como diz Fábio Peres “O diálogo com Simmel abre a possibilidade de percebê-lo na interseção e no jogo entre indivíduo e sociedade, entre objetivo e subjetivo, entre distância e aproximação, entre consenso e conflito” (PERES, 2011, p. 113).

Em suas reflexões sobre sociabilidade, Simmel enfatiza que as relações sociais se constituem de distância social, vizinhança e isolamento, se construindo pela proximidade e pelo afastamento, ele destaca como exemplo o “estrangeiro”¹⁶, ressaltando que “ser um estrangeiro é uma forma específica de interação” (SIMMEL, 1983, p. 183).

Se a mobilidade tem lugar em um grupo fechado, personifica aquela síntese de proximidade e distância, que constitui a posição formal do estrangeiro, pois a pessoa fundamentalmente móvel entra ocasionalmente em contato com todos os elementos do grupo, mas não está organicamente ligada com qualquer deles por laços estabelecidos de parentesco, localidade e ocupação (SIMMEL, 1983, p. 184).

¹⁵ O clássico “Ensaio sobre a dâdiva” de Marcel Mauss traz o conceito de reciprocidade para demonstrar as diferentes relações de trocas nas sociedades arcaicas onde tematiza a reciprocidade como “fato social total”. 2003.

¹⁶ Indivíduo que pode fazer parte de um grupo, mas que não esteve presente desde o início, e assim se diferencia do grupo.

Nestes termos, Simmel em "O Estrangeiro"¹⁷ dá sentido a uma pessoa variável que não se encontra “vinculado organicamente a nada e a ninguém, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais” (traduzido por KOURY, 2005, p. 267).

A partir das reflexões dos autores da Escola de Chicago e das pesquisas na antropologia social urbana desenvolvidas no Brasil, focando na sociabilidade e nos processos sociais constituídos por diversas maneiras de interação, conflito e vizinhança, discutiremos ao longo desse trabalho, as práticas de sociabilidade das mulheres da/na Senzala, enfatizando os seus cotidianos.

2.2 Sociabilidades cotidianas na Senzala

Ao longo dessa pesquisa percebi que os indivíduos são envolvidos e motivados a partir das tramas que denominamos de sociabilidade. Ressalto o texto de Soraya Simões (2008) que fala sobre o vínculo entre mulheres, começando pelo lugar onde moram:

Portanto chamo de sociabilidade feminina o tipo de sociação, de interação cotidiana em que tem lugar nos apartamentos – sobretudo nas cozinhas, no domínio da casa, da domesticidade, do foyer (vestíbulo) proeminentemente regido pelas mulheres {...} esta sociabilidade é, contudo, a convivência (SIMÕES, 2008, p.4).

Assim, mulheres que vivem no mesmo bairro tendem a fazer parte de uma conversação na rua, na cozinha ou no quintal, sem muros, favorecendo o contato diário que dá forma a uma sociabilidade peculiar, como enfatiza Frúgoli Jr.(2007), afirmindo que ao longo do século XX o conceito de sociabilidade passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes, referindo-se a esferas como relações cotidianas ou familiares, costumes, festas e rituais, encontros, etc. O autor aponta duas tipologias básicas da sociabilidade urbana, uma referindo-se a interações entre os diferentes, e outra, a interação entre iguais.

Uma das interações mais estudadas pelos teóricos das ciências sociais e mais presentes na vida social é o conflito, nele encontra-se a força da unificação e da organização entre os grupos, que se encaixa de forma não necessariamente negativa na sociedade, como enfatiza Simmel:

¹⁷ Este texto foi retirado do livro de Georg Simmel: **Soziologie. Untersuchungenüber die Formen der Vergesellschaftung** (Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação). Berlim, Duncker e Humblot Editores, 1908, pp. 509 a 512. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro KOURY

Se todas as interações entre homens é uma sociação, o conflito, afinal é uma das interações mais vivas, que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo sozinho, deve certamente ser considerado como sociação (SIMMEL, 1964, p.568).

O conflito deve ser incorporado nas análises sociais como discutido por Velsen (1987, p.345) que em um artigo apresenta “o conflito como parte do processo, não como anormal”. Velsen, partindo de uma visão antropológica, propõe que foquemos nosso olhar na compreensão das relações sociais para compreendermos os processos sociais presentes em uma pesquisa através das histórias dos indivíduos e de suas redes relacionais.

Na pesquisa realizada na Senzala percebi que os laços de vizinhança construídos pelas mulheres podem ser compreendidos, em parte, a partir da categoria “pedaço” criado por Magnani (1992). Para ele, o pedaço seria um espaço entre a casa e a rua, onde as relações, os vínculos, são estabelecidos a partir de formas de sociabilidades específicas. Segundo Magnani (1992)

É no âmbito do pedaço que se vive e compartilha toda sorte de vicissitudes que constituem o dia-dia, nos momentos de lazer, devoção, participação em atividades comunitárias e associativas, troca de favores e pequenos serviços; e também dos inevitáveis conflitos e disputas (MAGNANI, 1992 [a]: p.195).

Assim como a cidade, o bairro se constrói a partir dos hábitos e costumes dos moradores, os gostos e interesses em comum classificam a população, e constroem sentimentos, tradições e vivências entre os moradores, como indica Park:

A vizinhança - proximidade e contato entre vizinhos são bases para o mais simples elemento forma de associação com que lidamos na organização da vida citadina. Interesses e associações locais desenvolvem sentimento local e, sob um sistema que faz da residência a base da participação do governo, a vizinhança passa a ser à base do controle político. Na organização social e política da cidade, é ela a menor unidade local. (PARK, 1967, p.30).

Neste sentido, meu olhar sobre o campo enfatiza a organização social a partir da qual as mulheres que moram na Senzala se relacionam a partir de suas tarefas corriqueiras na comunidade, exercendo papéis fundamentais para a sociabilidade local.

As sociedades periféricas, muitas vezes, são caracterizadas por um olhar generalizado, associado à marginalidade, priorizando um olhar macro em que passam despercebidas a dinâmica e as vivências dos atores sociais. Magnani (2002, p.11) diz

que o caminho proporcionado pela etnografia se caracteriza por um “olhar de perto e de dentro” levando em conta a dimensão da vida cotidiana dos atores sociais.

Velho (1986) nos ensina que estudar uma sociedade muito próxima a nossa exige do antropólogo um olhar voltado para uma realidade complexa e com a necessidade de se distanciar das formas as quais estamos acostumados a ouvir e a ver. Nas palavras do autor:

O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações (VELHO, 1986, p.131).

O antropólogo numa sociedade não precisa obter informações históricas de grandes mudanças, mas ter a preocupação em investigar o cotidiano das pessoas e as formas como se organizam as variedades de comportamentos e como as pessoas desempenham distintos papéis sociais. Como a rede simbólica e a divisão do trabalho, a investigação em sociedades periféricas traz para o pesquisador a curiosidade de compreender esses atores agindo e interagindo entre si. As diversas maneiras de ações, os dramas sociais que são evidentes e produtivos de “uma dinâmica na unidade social” e como fazem para resolverem os acontecimentos na comunidade como aponta Turner (2008, p.241), são questões fundamentais para o antropólogo.

O cotidiano que a um olhar rápido passa despercebido, nos fornece o resultado de uma rotina que é parte de uma luta diária. A interação entre as mulheres na Senzala é importante porque possui um caráter de unificação social. Esses interesses mesmo que sejam como coloca Simmel (1996, p.166) “temporários ou duradouros, consciente ou inconsciente” formam a base das sociedades humanas.

Partindo da perspectiva de que “As cidades estão enraizadas por sentimentos, gostos, interesses, costumes, que não tem significado só nos grandes prédios, nas instituições” como nos ensinou Park (1979, p.34), esse estudo discute as formas de sociabilidades construídas pelas mulheres da Senzala, para que possamos compreender os elementos que conduzem essa rede de mulheres, tendo em vista que a interação entre os indivíduos dá sentido à vida e é entendida como um conjunto de valores que estão sempre em processo de transformação.

Para a compreensão dos assuntos abordados nesta pesquisa, foi necessário o debate com teóricos de várias áreas, dando suporte e legitimando as temáticas do campo

antropológico da pesquisa. Na Senzala o cotidiano e a sociabilidade entre as mulheres têm uma dinâmica própria, vinculados a proximidade, vizinhança e reciprocidade elementos relevantes na constituição dessa comunidade.

Ao longo da pesquisa, observei que as pessoas que chegam para morar na Senzala, na maioria das vezes chegam por motivos de angústias, por conflitos familiares, por relações que não deram certo, e também por motivos do vício que causam desavenças com a família. Algumas dessas pessoas, recém-chegadas na Senzala, com as quais conversei, disseram que a Senzala “é um lugar bom de morar porque os vizinhos muitas vezes fazem o papel que a família deveria fazer”. Essa fala demonstra que nessa comunidade as relações de parentesco são bastante vivas, característica também presente nos pequenos municípios, assim como também entre os “pobres da periferia”, como afirma Sarti (1994), enfatizando a importância da relação de confiança em uma rede de sociabilidade entre vizinhos.

2.2.1. Os conflitos

Sabemos que, de modo geral, a sociabilidade, o contato com o outro, nos dá uma perspectiva de vida melhor e de viver melhor. A proximidade e o contato entre vizinhos desenvolvem um sistema de relações com significados que perpassam o sentimento de reciprocidade. Como diz o autor Le Breton “a emoção experimentada traduz a significação conferida pelo indivíduo às circunstâncias que nele ressoam” (2009, p. 12). Pensando assim, busquei compreender o sistema de valores deste grupo de mulheres que moram na Senzala e que expressam as mais diversas emoções cotidianamente.

Durante a pesquisa na Senzala participei de alguns acontecimentos, muitos deles comuns, outros nem tanto, como uma discussão por causa de um galo. Tudo começou quando Azaléia, que mora na Senzala há dez anos, resolveu criar um galo que apareceu na frente da sua casa, ela saiu perguntando: de quem é esse galo? Todos falavam que não sabiam de quem era o galo. Dona Rosa, que mora por trás da casa de Azaléia, é uma idosa muito querida na Senzala, não ficou muito contente com a decisão da vizinha de criar o galo. A idosa não demorou a reclamar da cantoria do galo, que a acordava muito cedo, e do mau cheiro que ficava embaixo da janela de seu quarto, este impasse duraram três dias. Dona Rosa logo resolveu falar com Azaléia que estava criando o galo:

Olhe, não tá dando pra dormir e esse mau cheiro está me incomodando, pegue esse galo e faça um caldo dele porque aqui não é lugar de criar animal nenhum e se você não der fim neste galo eu vou mandar soltar e ele vai embora buscar um rumo certo pra ele" (Dona Rosa, 2017).

No dia seguinte, logo que amanheceu o galo já não estava mais embaixo da janela de dona Rosa eninguém falou mais sobre o galo. Perguntei a dona Rosa se ela sabia do paradeiro do galo e ela respondeu “nem sei e nem vou perguntar, vai que ela se invoca e traz o galo outra vez (risos)”.

Em muitas das minhas idas a campo situações e histórias apresentavam o conflito sempre presente na comunidade. Um desses acontecimentos se deu entre uma moradora antiga e uma moradora que havia chegado há pouco mais de um mês. O desfecho deste acontecimento ocasionou o deslocamento da moradora que havia chegado recentemente.

Na Senzala é percebido que a ação humana existente apresenta-se democraticamente baseada numa percepção política em que os moradores não vivem tão somente em concordância uns com os outros, mas partem de um processo que possibilita a discordância.

Portanto, a presença do conflito como elemento básico, permite o crescimento e a construção de uma realidade coletiva. Simmel (1964) traduz o conflito como uma forma de sociação que estabelece o ordenamento, ou seja, um elemento positivo nas discussões e interações, como também Velsen (1987) que apresenta o conflito como parte do processo e não uma anormalidade.

O conflito é muito presente na comunidade da Senzala, e resolvido quase sempre a partir do diálogo com Girassol, uma mulher que se tornou liderança na Senzala por ter uma grande influência religiosa e pelo tempo que reside na comunidade. Uma moradora relatou que Girassol sempre fica sabendo do que acontece na Senzala, e não demora a agir, indo até a casa de quem estiver causando o mal-estar na comunidade e procurando desfazê-lo. Ao conversar com Girassol sobre estes "problemas", ela me falou que "Aqui mora idosos e crianças, não é pra bagunçar não, aqui é uma comunidade e tem que respeitar, senão vai embora".

Portanto, no caso do conflito entre as duas moradoras, a moradora recém chegada teve que entregar a casa onde morava. Segundo relatos dos vizinhos o que gerou a confusão foi o comportamento imoral desta nova vizinha, que envolvia drogas e prostituição. Este conflito chegou aos ouvidos do dono do imóvel que interveio fazendo com que a moradora mudasse para a rua de trás, mas ela não ficou por lá muito tempo e

logo saiu da Senzala. Uma moradora relata que ao chegar um vizinho que tem o costume de “incomodar” a vizinhança, o dono da casa que o alugou é logo comunicado, assim me relatou dona Dália: “Olhe, a casa que você alugou para essa pessoa não está dando certo”. Desta forma o dono da casa se vê na obrigação de resolver o impasse. Pelo exposto, percebe-se que na Senzala existem normas sociais baseadas em um código de moralidade local e as mulheres estão sempre atentas para que estas normas sejam cumpridas.

2.2.2 Viver na Senzala

Em uma tarde de quinta-feira 10 de agosto de 2017, apresentei meu projeto para algumas mulheres, buscando um pouco mais de aproximação com elas e conversamos sobre os motivos que me levaram a estudá-las. Nessa mesma tarde, presenciei algumas mulheres que realizavam a mudança de dona Lírio, viúva, costureira aposentada, 65 anos, que mora na Senzala há cerca de dezessete anos, uma mulher muito animada, diz que não sente que é idosa e pensa em se casar. Neste dia ela se mudava para outra casa, mas na mesma rua da casa em que morava até então. Algumas amigas, filhas e vizinhas a ajudavam na mudança que durou o dia todo, só à noite acabaram de levar todos os pertences de dona Lírio de uma casa para outra. As mulheres carregavam objetos que não eram tão pesados, enquanto os móveis pesados eram levados pelos homens da vizinhança.

Nesta tarde, como já citei, levei meu projeto e o apresentei para algumas mulheres que estavam conversando na mesma rua em que dona Lírio se mudava, falei sobre a pesquisa e li o projeto para elas. Algumas mulheres me fizeram perguntas, como Dona Jasmim, que me perguntou: qual a importância dessa pesquisa? Eu fiz outra pergunta para ela: a senhora acha que tem importância o cotidiano de vocês, as formas de trabalhar, como se socializam, os laços de amizade e vizinhança, como também as dessemelhanças, e a importância de estarem aqui reunidas na calçada conversando? Ou seja, a vida de todas vocês, suas peculiaridades, suas histórias de vida, tem importância? Ela me respondeu que sim, e eu falei, eu também digo que sim, que é importante para mim, é importante para a antropologia, é importante porque damos significados para as coisas, para os acontecimentos. E continuamos ali, conversando, por um bom tempo.

Na Senzala, boa parte das mulheres que são aposentadas e não tem filhos pequenos, ou que vendem algo em casa como picolé, ou as que são costureiras, sempre se encontram à tarde, nas calçadas. As mulheres que trabalham, e passam o dia fora, só

vem almoçar e voltam para o trabalho, possuem outro tipo de socialização, costumam conversar à noite e nos finais de semana. Quase todas elas trabalham no centro, no comércio. Quando se juntam falam sobre as novelas, os filhos, etc.

Esses encontros, nas calçadas (ver **fotografia 9**) criam e fortalecem os vínculos entre as mulheres que moram na Senzala, despertando entre elas um sentimento de pertença e identidade. Almeida (2008) ao abordar a sociabilidade nas calçadas e o sentimento de pertencimento, recorre a Elias (2000) para discutir o estranhamento que circunda um novo morador que chega a certa comunidade. Na Senzala, como já mencionado, é visível o sentimento de pertença que envolve os moradores, principalmente entre os mais antigos. Tal sentimento torna-se visível sempre que um morador novo chega à comunidade e começam as especulações para saber de onde veio, porque veio para a Senzala e quem o indicou. Esse processo começa a partir da sociabilidade das mulheres nas calçadas, onde a conversa flui tranquilamente, os papos são diversificados e a dinâmica se dá a todo o momento.



FOTOGRAFIA 9 – Sociabilidades nas calçadas

FONTE: Dilma Dantas – 2018

No dia 23 de fevereiro de 2018, sexta feira, 17horas, quando voltava da UFPB, encontrei algumas mulheres rezando o terço na casa de um morador da Senzala que estava doente. A agente de saúde, Íris, é quem administra os dias em que as mulheres realizavam o terço nas residências da Senzala. As mulheres me convidaram para rezar com elas e fiquei rezando junto, todas com um terço na mão, apenas Íris que além do terço segurava uma bíblia nas mãos, havia duas crianças que rezavam conosco. No final,

perguntei se eu podia tirar algumas fotos¹⁸ com meu celular, para a pesquisa, e elas permitiram.

A agente de saúde, Íris, morou muito tempo na Senzala, porém não mora mais. Ela tem muita influência na religiosidade dentro da Senzala justamente por ter um vínculo forte com as mulheres que moram na comunidade, até porque já fez parte dessa comunidade como moradora e continua fazendo parte, como agente de saúde e como membro do grupo da Igreja Católica da cidade que procura sempre levar “A palavra de Deus para os moradores da Senzala”. A aproximação ao campo foi possível através da Irís, justamente por causa das diferentes relações que mantém com os moradores, em especial com as mulheres, me facilitando o diálogo e diante dela fui direcionando o campo desenvolvendo questões abordadas neste trabalho. Íris conhece cada morador, sabe das suas preocupações pessoais, financeiras e na saúde, desta forma ela age movendo ações para ajudar com estes problemas como mencionei no transcorrer do texto.

As interações entre as mulheres, nesta pesquisa, se destacam por ser considerado um ponto fundamental pelas ações que são produzidas e pelas diversas formas como são conduzidas essa rede de sociabilidade. Fala-se sobre as novelas, fofocas, conversam sobre namorados, sobre as conquistas, etc.

A fofoca faz parte do cotidiano da Senzala, das conversas, e algumas que começam compartilhadas por poucas pessoas acabam compartilhada por todos, e muitas vezes provocam intrigas, como relata Almeida (2008) pressupondo que “toda fofoca, carrega certo grau de discórdia e intriga” e Elias (2000) que diz que a fofoca possui um duplo sentido “depreciativas e elogiosas” precisando ser estabelecido um “grau de controle e de vigia”. Para Simmel (2011) quando questões conflituosas aparecem traz diferentes quadros “Os elementos negativos e dualistas desempenham um papel inteiramente positivo mesmo apesar da destruição que pode desenvolver sobre as relações particulares” (p.573).

Os vizinhos em geral falam sobre tempos difíceis na Senzala, momentos em que viviam apreensivos por questões que envolvem a marginalização, mas uma das interlocutoras falou que agora a Senzala vive tempos melhores, mas que as pessoas ainda têm esse olhar de marginalidade para a comunidade devido a certos moradores que aparecem para morar lá.

¹⁸ Ver em anexo a fotografia 01

Almeida (2008) discute o estereótipo de marginalização que o Valentina Figueiredo assume. Em suas palavras:

A forma do imaginário que a cidade tem pela comunidade, e que o medo, indiferença, hierarquia, são estigmas que os moradores do Valentina de certa forma contribuem para fortificar esse imaginário, em que pesam serem vistos como excluídos socialmente, mas que o Valentina de Figueiredo possui laços de sentimento em que as relações se tornam “Tensa, ambivalente e contraditória” (ALMEIDA, 2008, p.75)

Nessa pesquisa as mulheres da Senzala, procurei ver algumas reações de moradores da cidade de Rio Tinto, que não moram na Senzala, e notei que algumas pessoas se referem à Senzala como um lugar “mal visto”, mas outras opiniões foram percebidas, como as que afirmam que a Senzala é um local muito procurado para moradia por conta do aluguel acessível, sendo inclusive procurado pelos universitários.

Na Senzala, as casas aglomeradas são acessíveis aos que buscam por uma moradia com um aluguel mais barato. Como se trata de uma comunidade pequena, esta aglomeração favorece os laços de vizinhança peculiar do lugar, nas grandes metrópoles, essas relações podem sofrer algumas alterações onde as pessoas tendem a se tornar individualistas, essas mudanças são discutidas por Simmel (1987) a partir da “atitude blasé”, característica da nova “personalidade urbana”.

Através das mulheres da Senzala pude destacar que essa rede de sociabilidade e confiança é extremamente importante, apresentando-se de várias formas, através da solidariedade dos vizinhos quando, por exemplo, “chamam o SAMU, quando veem alguém precisando de socorro porque moram sozinhos; ou quando dão comida ao verem alguém com fome; e ajudam quando estão doentes ou quando estão de mudança de uma casa para outra”, entre outras coisas, desde a presença, um abraço ou uma boa conversa.

Uma das interlocutoras da pesquisa ressalta que os novos moradores como, por exemplo, os universitários, são mal vistos, como também certos moradores que moram na parte de baixo da Senzala. Souza (2006) faz esta ligação entre os moradores em Tambaú e o sentimento de pertencimento destacando “A presença do estranho ao grupo ou ao círculo social” recorrendo a Elias (2000) que afirma que os grupos humanos nas sociedades estabelecem formas para caracterizar e diferenciar as fronteiras de pertencimento em que o outro é percebido como tendo menor valor. Souza (2006) cita Koury (2004) que fala do sentimento comunitário que dá sentido ao espaço de sociabilidade afirmando que “os contornos sociais e culturais do grupo, possibilitam se

diferenciar, enquanto traços socioculturais, de memória e de sociabilidade. O que confere ao grupo, por um lado, uma identidade singular”.

O principal objetivo, neste trabalho, é compreender a Senzala a partir das mulheres dessa comunidade, para isso trago um pouco da identidade social que elas constroem diariamente com suas formas de sociabilidade e trabalho, como se dá a sua atuação social participando não só do lar nos cuidados dos filhos, mas lutando em busca do seu espaço na sociedade.

Para tanto, procurei fazer uma análise das mulheres da Senzala, na Senzala, em interação com os vizinhos e vizinhas, a família, os amigos e amigas, buscando compreender como elas se relacionam entre si, como lidam com as diferentes formas de trabalho, com a religiosidade, quais as suas práticas de lazer, suas relações de sociabilidade nas calçadas e também a fofoca e o medo do estranho que chega a comunidade.

Como já mencionado, a Senzala é uma comunidade estigmatizada por vários motivos, mas precisamente por se tratar de uma classe não favorecida. O que traz medo entre os moradores da Cidade é justamente o fluxo de pessoas que entram e saem da comunidade, advindas de regiões também estigmatizadas, sejam por brigas familiares ou outro tipo de conflito ou por conta da acessibilidade aos preços dos aluguéis.

Bauman (2009), fala de como as migrações causam desconfortos aos individualistas, causando medo e falta de confiança generalizada, em que as relações se tornam “perigosas e supérfluas”. Portanto, as pessoas que chegam para morar na Senzala são imediatamente surpreendidas por perguntas, feitas pelos moradores antigos, e se possuírem algo considerado errado pela comunidade, não demoram muito morando ali, como pode ser observado pelo caso relatado nas páginas anteriores.

Os processos de interação entre as mulheres, na Senzala, são bastante dinâmicos, em horas de folga elas participam de cultos de orações, vão à igreja, participam de festinhas de aniversários ou de um cafezinho compartilhado. Assim, essas mulheres vão compartilhando os seus dias, nas cozinhas de suas casas, nas calçadas, nas igrejas ou em ambientes festivos.

No dia vinte de dezembro de 2018 visitei as casas da Senzala com a agente de saúde. A priori, eu precisava ter mais aproximação com as mulheres que ainda não tinha tido um contato maior. Neste dia visitamos 18 pessoas da Senzala que eram beneficiárias do BPC (Benefício de Prestação Continuada) - um programa do governo

federal que beneficia pessoas com mais de sessenta anos que tem alguma deficiência o impossibilitando de trabalhar e que não seja aposentado.

Das 14 pessoas visitadas, 12 são mulheres que recebem BPC. Entre uma casa e outra tive acesso a algumas informações e percebi que a agente de saúde comunicava que seria realizado um terço do Natal, benfeitor, e desta vez não seria para arrecadar alimentos e sim roupas para uma mãe carente, moradora da Senzala, que estava prestes a parir. Ali, percebi que a relação que a agente de saúde mantém com as mulheres agrega uma mediação de valor espiritual e solidariedade.

Nesta tarde entramos na casa de dona Cravo, uma costureira muito querida na comunidade, e diante de sua conversa com a agente, percebi que ela havia negociado com um jogador de futebol de Rio Tinto, que vez ou outra vem visitar sua família aqui e promove jogo, para beneficiar famílias carentes. Dona Cravo pediu que a agente de saúde procurasse, na Senzala, mulheres que realmente estavam passando por necessidades, seria uma forma de ajudá-las em um momento difícil de desemprego, por exemplo. Esse fato, assim como outros presenciados na Senzala, demonstra uma rede de sociabilidade, reciprocidade e solidariedade presentes, isso significa que “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p17).

A agente de saúde também visitou a casa de dona Girassol e perguntou como ela estava de saúde, lembrou que ela precisava remarcar a consulta e o exame que havia perdido a data. Destacamos aqui que, a agente de saúde e dona Girassol são mulheres influentes na Senzala, em várias áreas, sendo uma delas o campo religioso, e embora elas não compartilhem das mesmas crenças, mantêm uma relação recíproca de respeito.

Uma das sociabilidades produzidas na Senzala são as reuniões da Pastoral da Criança, organizadas pela agente de saúde, um trabalho voluntário com o objetivo de levar evangelização às famílias e também auxiliar no desenvolvimento das crianças de 0 a 5 anos. Neste trabalho as crianças e as gestantes têm o acompanhamento nas áreas de nutrição e crescimento, e também é feito um sopão.

As reuniões sempre são realizadas na Casa das Franciscanas¹⁹ na comunidade da Senzala. Essas reuniões deveriam acontecer todos os meses, mas nem sempre acontecem, por falta de recursos. Em 29 de dezembro de 2018, às 15 horas, as reuniões

¹⁹ A casa das franciscanas é um Centro de Ordem Secular. Onde as franciscanas se reúnem para rezarem e fazerem louvores e muitas vezes padres realizam missas e recebem devotos de fora da cidade também.

foram retomadas e estavam presentes 50 crianças, após as pesagens, as medições e a assinatura das mães, tivemos momentos de descontração e brincadeiras com a presença das voluntárias, palhaças Lurdinha Bom-Te-Ver e Bromélia, esta moradora da Senzala. Essas mulheres, palhaças, realizam apresentações voluntárias em vários lugares, inclusive em hospitais em João Pessoa, elas distribuíram presentes para todas as crianças, doados pela Lurdinha Bom-Te-Ver que sempre dá um jeito de arrecadar uma parte e outra ela mesma doa. Antes de ser servido o sopão, doado pela Pastoral, houve um momento de reflexão e oração.

A interação entre as mulheres/mães com seus filhos nos dias de reunião da Pastoral demonstra um prazeroso momento de sociabilidade em que as crianças, ao mesmo tempo em que cuidam da saúde, se alimentam e interagem com suas mães, aprendem sobre religiosidade e são acarinhadas com presentes e diversão. O momento de lazer e descontração que é proporcionado com as reuniões da pastoral conta sempre com a presença das mães e para elas esse momento é muito importante.

Outro momento importante para as mulheres na Senzala, que tive a oportunidade de presenciar no mês de novembro de 2017, foi a interação que as mulheres realizaram em uma sessão de beleza realizada na rua, em suas calçadas, onde elas pintaram os cabelos uma das outras, fizeram as unhas, sobrancelhas, escovas e chapinhas. Naquela tarde eu havia ido ao mercado, no caminho de volta, quando passava pela rua principal da Senzala, trajeto que quase todos os moradores da parte baixa da cidade fazem, encontrei algumas mulheres se produzindo. Entre elas havia uma que eu conhecia, então me senti confortável em parar, fiquei um pouco ali e perguntei se elas estavam se preparando para algum evento, casamento, alguma festa? A Amarilis, que me conhecia melhor, respondeu que não, apenas estavam se arrumando, se cuidando, e que elas gostam de programar e fazer isto juntas, uma ajudando as outras, e como tem manicure, cabeleireira entre as amigas, melhor ainda que não pagam.

Vivenciar esse momento, esta ação produzida por elas, me fez refletir sobre tudo o que venho discutindo ao longo desse trabalho etnográfico, as sociabilidades, as redes de solidariedade, os afetos, o cuidado, a descontração, o prazer e a diversão que existe entre essas mulheres, na Senzala, dentro ou fora de suas casas, em seus pedaços.

2.2.3 Os espaços e seus usos

Na Senzala o momento de lazer ocorre em encontros como o da Pastoral, descrito nas linhas anteriores, em datas festivas, mas também nos finais de semana como dito

pelas mulheres, “tomando uma”, ou quando acontecem festas tradicionais como aniversários, casamentos, batizados, Natal, etc. Estas festividades são comemoradas em vários lugares, tanto em casa, como fora de casa, nas calçadas, nas ruas, em salões da comunidade, como na casa das franciscanas.

É também corriqueiro na Senzala as pessoas almoçarem nas calçadas, em frente as suas casas, ou fazer um lanche ou cafezinho da tarde, enquanto conversam com os vizinhos. Da mesma forma quando elas resolvem cortar o cabelo, fazer unha, ou como elas falam, colocarem uma caixinha de música e fazerem sua "farra"! Esses momentos refletem relações de amizade relevantes nessa comunidade. Rezende (2002) relata que a amizade para se tornar um objeto de pesquisa, precisou demonstrar sua relevância na organização social.

Mas, há também aquelas pessoas que preferem não se juntar com a turma na calçada, que não gostam de ouvir som, gostam de ficar sozinhas com seus pensamentos e assistir TV, ou então, ficar observando a farra, de longe. Simmel (2011) traz o diálogo entre “indivíduo e sociedade” para que possamos entender “entre o objetivo e subjetivo, entre distância e aproximação, entre consenso e conflito”.

Algumas vezes as idas a campo a priori não davam certo, o encontro com as mulheres não acontecia, o dia 26 de janeiro de 2017 parecia ser um desses dias. Eu havia marcado uma entrevista com dona Girassol, mas ela não pôde porque havia clientes para atender no seu Centro Religioso, mesmo assim, resolvi ficar por ali, observando.

Havia mulheres em cadeiras de balanço, outras em banquinhos e crianças brincando na rua. São as formas de utilizar os espaços, no tempo livre, significados a partir das práticas de lazer. Assim a categoria de espaço pode ser observada pelo elemento básico “de ordem física e espacial” Magnani (2004), ou seja, a partir das relações que são criadas em algumas calçadas da Senzala em que as mulheres demarcam como o lugar de relações e de lazer daquelas pessoas consideradas “colegas”, “chegados”, “xarás” Magnani (2004). Desta forma o autor traz para o nosso conhecimento a relação que se dá entre o privado e o público, evocando a categoria pedaço.

Estava na rua principal, e o horário observado por mim era sempre à tarde, momento em que as mães deixavam as crianças mais a vontade para brincarem, correrem, etc. Em outra parte da Senzala, havia um grupo de jovens, eles sempre se reúnem em um lugar específico para conversarem, são lugares que dão acesso a ruas

principais, o que me faz retomar a categoria "pedaço" do Magnani (2003, p. 17). Existem dois lugares mais usados como *point* pelos jovens, a rua que dá acesso ao Almizão (quadra poliesportiva) e a prefeitura, e a outra a que dá acesso a escola Antônia Luna Lisboa. Eles fazem usos destes lugares, à tarde e a noite, para conversarem e paquerarem.

Na Senzala, o grupo de mulheres que trabalham busca introduzir o partilhamento e o pertencimento de uma rede de trocas e de sociabilidade pertencentes ao mesmo círculo relacional (MAGNANI, 2002; MAFFESOLI, 1987). Pensando assim, lembro-me de uma das minhas interlocutoras relatando sobre os espaços e suas ocupações na comunidade, enfatizando que existem lugares na Senzala onde é difícil a convivência. Souza (2006) faz uma observação sobre os espaços se tornarem “uma extensão de personalidade dos que dele se utilizam em trocas interacionais”, nesse sentido, trata-se dos códigos e regras que são criados e elaborados pelos grupos, recriando a sociedade. Magnani (2002) trabalha com os códigos e símbolos de reconhecimento que são produzidos a partir das relações e das interações feitas nestes espaços entre o público e o privado.

Para Koury (2002) estas fronteiras criadas pelos grupos sociais servem para definirem o pertencimento dos indivíduos, são espaços de exclusão e inclusão determinados por eles. É a partir destas relações e nestes espaços que as mulheres produzem relações cotidianas e respeitosas, elas sempre dizem “aqui é a rua, mas é a porta da minha casa” e se acontecer algum desrespeito, quem desrespeitou é logo advertido por todos os vizinhos.

2.2.4 A rotina na Senzala

As mulheres da Senzala são muito ativas e ocupam lugares diversificados no mercado de trabalho, exercendo profissões que corriqueiramente são designadas ao sexo “masculino”, considerando que mulher é sinônimo de fragilidade. Profissões²⁰ como catadoras de reciclagem, garis, e algumas formas de artesanato como fazer tarrafas e pulsá - objetos de pesca de muita utilidade aos pescadores - são corriqueiras entre as mulheres na Senzala. Essa reflexão sobre a diversidade de universos dos quais as mulheres fazem parte é importante, e já vem sendo feita por autoras desde a década de 1970.

²⁰ Ver em anexo as fotografias 03 e 04

Rubin (1975) em seus ensaios traz a literatura sobre as mulheres pelo qual veio marcar a sua influência no início da década de 1990, onde define o “Sistema sexo/gênero” mostrando a grande importância na desnaturalização das desigualdades de gênero na contemporaneidade onde aponta a opressão e a subordinação da mulher.

O fluxo entre estas mulheres é bem peculiar, todas trabalham, mesmo aquelas que não têm um trabalho fora de casa fazem algo para vender como, por exemplo, vendem pipocas, picolés, din-din, perfumes, roupa íntima, entre outras coisas. Elas sempre estão seguindo o ritmo competitivo do mercado, estão sempre querendo inovar e progredir, com suas rendas compram seus móveis e eletrodomésticos, elas têm o que precisam dentro de casa.

A rotina dessas mulheres gira em torno desses trabalhos para geração de renda, dos afazeres domésticos, dos cuidados com os filhos e das sociabilidades construídas na comunidade. Aquelas que trabalham fora da Senzala e só chegam em casa à noite, deixam seus filhos com algum parente, como os avós, com o/a filho/a mais velho, com o companheiro, ou mesmo com os vizinhos. Este é um dos favores recíprocos presentes na rede de vizinhança da Senzala.

Durante as minhas idas a campo observei, andando pelas ruas, que o cheiro muda de acordo com o horário. Pela manhã sentimos o cheiro de pão assado com manteiga e de café fresquinho; esse é o aroma que nos acompanha nas ruas e becos na Senzala pela manhã, e durante o percurso é possível observar algumas mulheres com copo ou xícara de café na mão, sentadas em suas calçadas, nas portas de suas casas. Mas o cheiro muda quando se aproxima da hora do almoço, nesse momento o aroma é de tempero forte como cominho, pimenta do reino, alho; é cheiro forte de comida caseira, cheiro de comunidade, cheiro de família.

À tardinha quando o sol está se pondo o cheiro de café outra vez é sentido, tão forte como nas manhãs, mesmo que a maioria das casas estejam fechadas podemos sentir o cheiro forte de café, é como se tivessem fazendo café todas ao mesmo tempo.

À noite a Senzala se torna tranquila e silenciosa, pois a maioria dos moradores são pessoas idosas e costumam fechar as portas cedo e irem dormir, outros dormem cedo pelo fato de terem que trabalhar cedo na manhã seguinte. Mas, alguns jovens se encontram em certo ponto das esquinas para conversarem enquanto “rola uma paquera”.

Na Senzala existem algumas casas alugadas por universitários, estes quase sempre não estão em casa, uns estudam à noite, enquanto outros estudam durante o dia e sempre

saem, o divertimento deles quase sempre acontece na praça (João Pessoa) central da cidade.

A rotina das mulheres da Senzala muda nos finais de semana, isto porque as crianças não têm aula e fica o dia inteiro em casa, assim como alguns adultos também não trabalham. Nesses dias as famílias almoçam juntas e as mães fazem uma comida diferente. À tarde a conversa nas calçadas são demoradas e divertidas aproveitando a presença daquelas que trabalham a semana inteira. Mas, nesses momentos, também aumentam as desavenças e constrangimentos. Na maior parte das vezes, porém, esses momentos são tranquilos, as mulheres escutam música em caixinhas de som colocadas na porta de casa e o papo rola solto, de forma divertida, as mulheres falam dos filhos, namorados, dos afazeres de casa, mostram roupas e perfumes que compraram e etc.

A sociabilidade cotidiana presente na Senzala segue uma dinâmica e as mulheres estão sempre acompanhando essa fluidez, enquanto umas acordam para cuidar dos afazeres da casa e dos filhos outras saem para trabalhar fora. E durante esses dias foram assim, nas idas a campo, conversei com elas sobre suas vidas, sobre a Senzala, sobre como elas chegaram até ali, e sobre como vivem atualmente. Para compreender o significado e as vivências dessas mulheres na Senzala tive muitos momentos de diálogo com elas, mulheres fortes, e sou grata por terem aceitado embarcar comigo no universo de possibilidades e compreensões que a antropologia oferece!

Até aqui falei um pouco sobre todas as mulheres da Senzala e fiz referência a algumas: Hortência, Íris, Rosa, Lírio, Orquídea, Tulipa, Dália, Margarida, Bromélia, Alfazema, Girassol, Azaleia, Jasmim, Cravina, Gardênia, Gérbera, Cravo e Amarílis. Estas representam todas as outras mulheres com as quais tive contato e que não foram citadas aqui, mas que estão presentes neste trabalho. Nas próximas páginas trago entrevistas que traduzem o que é ser mulher e morar na Senzala com todos os estigmas que enfrentam, na luta diária, da casa, do trabalho e das relações familiares, como também das sociabilidades com os vizinhos.

Capítulo 3 - Ser mulher na Senzala

Minha análise, na Senzala, teve como foco uma percepção das subjetividades em jogo. Através do uso de abordagens qualitativas procurei compreender as sociabilidades e seus significados, nesta comunidade. Na mesma perspectiva que Souza (2006), retomei as orientações de Magnani (2002) e procurei me distanciar das minhas experiências pessoais para executar a difícil tarefa antropológica de transformar o “familiar em exótico” (DAMATTA, 1978). Para isso, procurei me afastar das noções pré-concebidas e compreender as subjetividades das mulheres da Senzala.

Nesse processo de pesquisa, as entrevistas foram primordiais para a compreensão e interpretação do cotidiano e das interações presentes na comunidade. Desta forma, os relatos feitos pelas mulheres são fundamentais na análise para essa pesquisa, e é por esses relatos que fenômenos coletivos são identificados como trocas interacionais que dão sentidos às redes de sociabilidades que elas produzem como nos ensina Simmel (2006) “essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma “sociedade”.

Nas páginas anteriores, descrevo e analiso os processos que foram demarcando as mudanças e a atualidade da Senzala. Nas linhas que seguem, discutirei a partir de entrevistas com as mulheres que vivem há mais tempo na Senzala o que é ser mulher na Senzala, ou seja, buscarei mostrar um pouco do que essas mulheres vivenciam e sentem morando na Senzala, a partir de suas falas e dos seus sentimentos.

Muitas dessas mulheres demonstram um sentimento de gratidão e vitória por terem conseguido suas casas - no sentido material e afetivo, essas mulheres parecem ter conseguido uma casa e um lar - na Senzala, a partir dos seus esforços, dos seus trabalhos; e, a partir de suas lutas, aquele bairro sem energia, água encanada sem o mínimo de infraestrutura se tornou uma comunidade procurada por muitos para se morar.

Diante das falas dessas mulheres, a pesquisadora não tem como deixar sua subjetividade e ser neutro. Nas palavras de Pollak:

Acho que há uma sensibilidade no trabalho científico, e cada vez que ocorre uma mudança no trabalho, ela se traduz quase que fisicamente na sensibilidade das manipulações. Seria muito interessante refazer uma história das ciências questionando a importância dessa sensibilidade no contato com os materiais sobre os quais a gente trabalha, em relação àquilo que a gente pesquisa e sobre o que a gente escreve (POLLAK, 2010, p. 212.).

É importante mencionar que as melhores descobertas, os insights mais importantes dessa pesquisa, surgiram durante conversas imprevistas com as moradoras da Senzala, muitas vezes eu estava sem celular para fotografar ou gravar relatos importantes, mas de repente arranjava um lápis e um papel e escrevia o que elas conversavam. Em uma dessas conversas, dona Dália relatou os momentos vividos por ela no período da ocupação e foi a partir dos olhares destas mulheres e de seus relatos que reconstruí a história dessa comunidade.

Nesses diálogos com as mulheres pude observar sentimentos de pertença envoltos por sentimentos de ciúmes entre algumas moradoras mais antigas e as que chegaram à comunidade há menos tempo. Frases do tipo "fulana não sabe muito porque não morava aqui nesta época" e "eu sim, participei de tudo e moro aqui até hoje", foram ouvidas recorrentemente.

Observei também que quando moradores novos se instalaram na comunidade, os moradores mais antigos botam logo defeitos, este comportamento pode ser compreendido como uma maneira de expressar uma disputa moral e de pertença entre os moradores antigos com os moradores recém-chegados. Para uma melhor compreensão dessas questões dialogo com Norbert Elias (2000), este autor descreve numa comunidade periférica a divisão existente entre dois grupos de moradores: os estabelecidos e os outsiders. Winston Parva é o nome fictício que o autor dá para a cidade pequena no interior da Inglaterra.

[...] A área de Wiston Parva construída por Charles Wilson, sua parte mais antiga, correspondia à zona 2, seus 80 anos de existência eram o bastante para dar as famílias que habitavam e que lá permaneceram um forte sentimento de pertença (NORBERT, Elias, 2000, p.62).

Retomando a conversa com dona Dália, que relatou momentos vivenciados na senzala na época das ocupações. Eu já havia feito uma entrevista com ela, mas nesse dia ela relatou informações que eu não sabia, e à medida que conversava transcorria, ela foi lembrando fatos que aos poucos foram se encadeando. Dália, contou sobre os

momentos de resistência que viveu no início da sua moradia na comunidade na Senzala. Ela, sentada numa pequena cadeira de fio em frente à casa de sua vizinha, dona Rosa, com a qual mantém um forte laço de amizade, sendo costume sentar-se ali quase todo final de tarde, me contou:

Quando eu vim morar aqui, meu filho tinha dois anos, hoje ele tem trinta e quatro. Eu não tinha onde morar, meus pais não me aceitava, com um filho de homem casado. Eu passei momentos muito difíceis. Aqui antes de ser conhecida como Senzala, era chamado de “Sítio Ipiranga”, até um dia desses a conta de água vinha com este nome no endereço. O nome Senzala foi dado como uma brincadeira, o prefeito mudou de lugar a feira e o mercado que era aqui, passou a ser no centro, assim, pessoas como eu que não tinham onde morar, ou que viviam dependente de alguém, passaram a ocupar este local. O prefeito tirou a feira daqui por causa das enchentes, que alagava a feira que ficava esburacada, com poças d’água, que ninguém podia nem andar. Foi por isso que ele botou a feira lá pra cima, então ficou os quartinhos do mercado vazio, aí agente invadiu. Aqui não tinha banheiro nos quartinhos, não tinha energia nem água, mas agente queria um cantinho pra ficar. As pessoas começaram invadir aqui, eles vinham de madrugada, eram pessoas daqui da cidade e das cidades do interior por aí, vinha gente até de Mamanguape. O prefeito sabendo disso resolve cercar de arame farpado todo o local que era a feira para que ninguém mais venha invadir, colocou vigilante e determinou hora de entrar e sair pelo um portão improvisado, teve dia que deu até polícia aqui. Eu muitas vezes passei por baixo da cerca com meu filho pequeno, porque o portão já estava fechado e não abria mais depois das dez horas. Esta situação causou muita especulação e comentários diversos. Nesta mesma época, era exibida na TV, uma novela que mostrava os coronéis e as senzalas dos escravos. Então começaram boatos de que o que estava acontecendo se parecia com a novela, que os moradores estavam sendo presos, e que o prefeito dava ordens para ter hora de abrir e fechar o portão, e porque ele tinha mando cercar de arame farpado todo ao redor daquele lugar, para evitar também que outras pessoas que estavam vindos de longe invadirem. (Dona Dália, 2019).

Dália é uma das mulheres que viveram o momento de conflito das ocupações e relata essa história enfatizando ser uma das primeiras pessoas a vir morar na Senzala. Hoje, com 64 anos, mora sozinha e recebe a visita do filho que na época estava de braço, hoje ele é casado e dona Dália tem dois netos quase todos os dias vem visitá-la; é uma mulher tranquila, gosta de manter sua vida organizada e faz questão de manter uma boa relação de vizinhança com todos na Senzala. Trabalhou por muito tempo como feirante, aposentou-se, e diz que agora sente vontade de ficar em casa. Todos os dias ela vai visitar sua mãe, é corriqueiro ficar um tempo com a sua mãe. Foi a partir dos seus relatos que surgiu a compreensão do porque do nome Senzala, quais foram os fatos que fizeram com que a comunidade na década de 1986, época das ocupações o local foi correlacionado com a Senzala dos escravos um lugar de sofrimento e prisão. Como mencionado na sua entrevista, a cerca colocada pela prefeitura para impedir que

moradores desobedecessem os horários de entrada e saída, um sistema diariamente burlado pelos moradores como uma forma de resistência. Dália é mais uma das mulheres que vem conquistando ao longo do tempo seu espaço na sociedade.

Dona Margarida, é outra mulher de fibra e me contou que aprendeu a fazer objetos de pesca com seus avós. Assim como Dona Dália, Margarida também chegou há muito tempo na Senzala. Em sua fala, disse que veio morar na Senzala entre os anos de 1990 e 1991. Ela me contou um pouco da sua vivência na Senzala, disse que aprendeu a fazer objetos de pesca com seus avós e que até hoje continua fazendo, mas não consegue produzir como antes, porque o problema de coluna não permite que fique por muito tempo em uma só posição. Ele contou que gosta de pescar, e que seus avós eram muito inteligentes e sabiam fazer esses objetos de pesca. Falando sobre sua chegada na Senzala, disse que morava ali na Senzala há muito tempo, que quando chegou haviam poucos barracos e que morou embaixo de uma lona por algum tempo, depois foi para uma casa que estava desocupada. Na sua fala, ela demonstra antipatia por alguns moradores novos. Dona Margarida permitiu que eu tirasse algumas fotos e gravasse um vídeo no momento em que ela produzia uma tarrafa, mas muito envergonhada, não quis mostrar seu rosto. Conversou um pouco comigo, e se mostrou uma pessoa muito gentil:

Já faz muito tempo que eu moro aqui, minha menina tem vinte e quatro anos e eu tive ela quando já morava aqui. Na verdade, vinte e sete anos que moro aqui. Quando viemos pra cá, José botou uma lona ali (Dona Margarida aponta para o local em que morou coberto por uma lona). Até que dona Alzira, minha cunhada, me chamou pra ficar num barraco que estava abandonado, eu não tinha pra onde ir, e não queria ir pra casa de família, tinha uma irmã de Luís, mas ela não batia bem. Então ele me perguntou, tu topa ficar embaixo de uma lona? E eu disse, meu fí, eu vou, onde tiver nós vamos.

Eu: mas, foi na época das ocupações?

Dona Margarida: foi nada, o povo já tinha invadido já tava morando, Jane, minha filha, nasceu em 1993, e nós veio pra cá entre 91 e 92.

Eu: Todos os filhos nasceram aqui?

Dona Margarida: não, só Jane.

E dona Margarida conversa comigo, mas não tira a concentração da tarrafa que estava fazendo.

Eu: a senhora aprendeu a fazer objetos de pesca com seu marido?

Dona Margarida: nada, foi com minha vó e meu vó, eles eram muito inteligentes. Eu via eles fazendo e aprendi, nós gostava muito de pescar, ainda pisco, mas é mais pouco. A coluna não deixa (risos).

Eu: a senhora gosta de morar aqui? Como é a sua sociabilidade com as pessoas na comunidade?

Dona Margarida: Eu acho bonzinho aqui, me dô bem com todos. Só que tem uns estudantes de fora que incomodam, eles têm um cachorro que late muito. E eu que já tomo remédio controlado, com pouca saúde, e é esse aperreio. Mas quem vive de aluguel pode se mudar a qualquer momento.

Eu: e as enchentes, enfrentou muita?

Dona Margarida: enfrentei muitas, mas a última que deu entrou aqui. Oí, nunca tinha entrado aqui, aí entrou, fui subir as coisas que tava enchendo

tudo aqui. Mas, eu gosto daqui, essa parte aqui que eu moro é muito boa porque tem saída aqui pra trás(**muitas casas não tem saída para trás, só a porta da frente– grifo da pesquisadora**). Agora, a "cramussa"²¹que mora ali... Eu acho bom aqui, me dou bem com todo mundo, só acho ruim esses estudante (D. Margarida, 2018).

Meu contato com Margarida pela primeira vez foi inesperado, passando pela Senzala vi dona Margarida na porta de sua casa fazendo a tarrafa de pesca²², parei na sua porta e falei que não sabia da sua habilidade em artesanato, perguntei se podia gravar e ela respondeu que sim, só não queria aparecer e que podia filmar e tirar fotos de suas mãos trabalhando e assim o fiz. Dona Margarida é uma mulher de muita garra e disse que nunca teve medo de trabalhar, criou seus filhos que hoje estão adultos e tem muito orgulho de morar na Senzala e ter adquirido tudo o que tem, na comunidade. Apesar de não trabalhar como antes, ela sempre está procurando uma ocupação. Gosta de ficar frente a sua casa conversando com sua vizinha, quase todas as tardes são assim, uma conversa boa!

Tulipa, mais uma das minhas interlocutoras, representa a diversidade das formas de trabalho que as mulheres da Senzala exercem, uma mulher que, ao longo do tempo e diante de suas necessidades, foi tecendo uma profissão que até pouco tempo era tida como masculina. Tulipa é catadora de reciclagem há treze anos, desde 2005, mesma época em que foi morar na Senzala. Uma jovem determinada que consegue dar o melhor naquilo que no momento de precisão na sua vida lhe foi proporcionado e que hoje ela tem zelo pelo trabalho que exerce. Entre ela, conheci uma gari que tem dois filhos e trabalha pela manhã e à tarde, igual à Tulipa trabalho exercido por elas, muito cansativo, mas que são praticados por elas com muita responsabilidade.

O trabalho pode ser considerado um elemento central para estabelecer a política e enfrentar o capital. Essas questões são observadas nos textos de autores como Engels (1999, p. 327) e Marx (1988, p. 39-46,) que enfatizam que o trabalho pode não ser só uma categoria de luta, mas de sociabilidade e interação. Em sua fala, Tulipa conta um pouco da sua trajetória e de sua rotina diária. Ela trabalha todos os dias, o dia todo e sempre até tarde; no dia em que conversamos só a encontrei em casa às 20horas, chegando com sua carroça cheia de material para reciclagem²³, pedi para tirar uma foto,

²¹ Se referindo à bagunça.

²² Ver em anexo fotografia 03

²³ Ver em anexo fotografia 04

ela permitiu, a fotografia não ficou muito boa por ser noite e de celular, e então conversamos por algum tempo:

“Meu nome é Tulipa, tenho 33 anos e vim morar aqui na Senzala em 2005 e desde esse tempo também cato reciclagem, gosto muito daqui. Tem pessoas que eu me dou bem, mas tem pessoas que eu não me dou bem não. Vou pro meu trabalho, pras ruas catar reciclagem e vivo bem com todos, falo com quase todo mundo aqui. A reciclagem me trouxe muitas coisas boas e foi através desse meu trabalho que consegui comprar minha casa, consegui cuidar da minha saúde, de arrumar esse dinheiro pra fazer consulta particular e tô esperando só a carta pra eu me aposentar, porque eu venho fazendo tudo com o dinheiro da reciclagem. Aqui todo mundo me conhece, tem gente que eu nem conheço e me conheço (risos). E tem muita gente que fez entrevistas comigo, ano passado fizeram uma entrevista comigo, este ano também fizeram já.

Eu: As entrevistas foram para estudantes universitários?

Tulipa: A desse ano foi pra Universidade, ano passado foi para aquele repórter da rádio, João Daví, passou até na rádio e tudo no dia internacional da mulher. Olha, quando eu comecei a trabalhar na reciclagem não tinha nenhuma mulher trabalhando, só eu. A reciclagem rende pra mim 500 reais por mês, dependendo do que for apanhado pode ser até mais um pouco. Eu tenho geladeira nova que tô pagando, muita coisa que eu tenho é com o dinheiro da reciclagem que consegui, eu nunca trabalhei com outra coisa.

Eu: como você resolveu que iria trabalhar na reciclagem?

Tulipa: Foi no tempo que eu casei e vim morar aqui, o meu ex-marido, José, era muito difícil de dar as coisas, de dar dinheiro para eu comprar as coisas. Só me dava 20 reais, eu ia pra feira não dava pra comprar nada e também tinha as outras minhas coisas, que era na época que eu estudava e pra não pedir nada dele eu resolvi trabalhar com a reciclagem e comprar o que eu queria.

Eu: como foi a reação do seu ex-marido com esta sua decisão, houve conflito?

Tulipa: Houve sim, ele e a mãe dele me chamava de lixeira, e por isso a mãe dele mandou ele deixar eu, por causa da reciclagem, porque no dia de ano novo eu fui pra festa pra catar latinha e ele disse que disseram pra ele que eu tava arrumando outra pessoa, sendo mentira, e ele tinha vergonha que eu catava lixo. Aí agente se separou.

Eu: Qual é a sua escolaridade?

Tulipa: eu terminei tudo, o 3º ano.

Eu: tem vontade de fazer um vestibular?

Tulipa: não, não me interessei pelo vestibular por causa do meu problema, que tomo remédio controlado, tenho epilepsia e na hora de coisa assim eu esqueço tudo. Fui fazer uma prova em Mataraca, passei a semana estudando, mas quando foi na hora deu um nervoso tão grande em mim que esqueci de tudo, o pessoal terminou tudinho só eu que fiquei na sala, não consegui fazer a prova toda. Eu gostava de estudar, mas eu gosto da reciclagem, me acostumei, falo com todo mundo e todos me conhecem.

Eu: Você casou outra vez?

Tulipa: sim, eu conheci ele vendendo reciclagem pra ele, ele comprava meu material, ele também trabalha com reciclagem. Eu queria me aposentar logo, mas o juiz ainda não resolveu o meu problema. O médico me disse que eu tinha que parar de andar no sol e tinha que cuidar logo do problema que eu tenho, mas eu não posso parar agora porque tenho minhas dívidas pra pagar, as minhas prestações. O dinheiro que o meu marido recebe faz duas feiras, uma pra cá e uma pra mãe dele, e ele paga a energia e a água, eu tô só esperando a carta pra eu me aposentar. O negócio é que eu tô com problema no olho e quando eu levo sol o olho fica ardendo e queimando. Mas logo, logo eu me aposento.

Essa conversa aconteceu na frente de sua casa onde ficamos de pé, ela estava tão suada e cansada que não chegamos a entrar para a sua sala, ela nem desmontou sua carroça com os produtos de reciclagem. Tulipa demonstrou com a sua decisão de trabalhar na reciclagem que sempre é tempo de recomeçar, de reinventar, e que apesar de ter vivido uma relação difícil, encontrou coragem para mudar seu destino e o primeiro passo foi trabalhar, dando outro rumo para a sua vida, na busca para conquistar os seus objetivos. E ela fala que tudo que conquistou com seu trabalho foi gratificante.

Tulipa é uma mulher mais contida, a sua sociabilidade na Senzala é discreta, dificilmente a vemos conversando nas calçadas. Gosta de animais, especificamente gatos, possui dois gatos pretos, são seu xodó.

Durante a pesquisa, pude observar que um dos fatores que levavam as mulheres da Senzala a tomar determinadas decisões importantes é a consciência e a esperança de que elas podiam fazer algo para melhorar e dar sentido as suas próprias vidas e, percebi que, muitas vezes, foi a partir dos problemas que elas tinham com a família, com o casamento, que elas encontraram maneiras para mudar as suas histórias. É na luta diária que essas mulheres encontram força, principalmente no trabalho, para serem reconhecidas e terem visibilidade social. O trabalho de Mendes (2018) procurando entender “o processo de circulação da mulher, distinto do dos homens” questiona sobre a naturalização dessas relações entre os gêneros e faz uma crítica que reforçamos aqui sobre a idéia naturalista que acompanha as mulheres ao longo do tempo mas como diz a autora, “essa realidade desigual pode ser vista como uma resistência e não como vitimação” (p.72-73). A mulher a cada dia está conquistando seu objetivo e enfrentando essas desigualdades, mesmo com todas as dificuldades existentes.

Essas mulheres que passaram por experiências difíceis, como Alfazema, 28 anos, nasceu na Senzala, perdeu os pais cedo, dos quais herdou a casa em que mora com os dois filhos, viveu por algum tempo com o pai dos seus filhos, mas a convivência não foi fácil, ele casou com outra mulher e paga pensão para os filhos que fica com ele de quinze em quinze dias. Alfazema é uma mulher sorridente e em seus relatos, conta:

Meu nome é Alfazema tenho 27 anos, namorei com o pai dos meus filhos por um tempo, morei junto com ele mais um tempo e ele nunca casou comigo, mas com essa mulher que ele tá hoje foi logo casando! Eu não entendo o porque disso, mas é assim. Algumas vezes passo por momentos desagradável, mulher morando sozinha é sempre motivo de gozação. Os homens que se aproximam de mim quer logo dormir comigo, não se

interessam nem em conversar, e eu não preciso de homem para mostrar que estou bem. Gosto de morar sozinha, apareceu um cara aí, gente boa, sabe? Mas queria mandar demais e na minha casa, nos meus filhos, então falei "não dá certo agente junto", e ele foi embora. Tenho cuidado com meus filhos e os protejo, vejo as notícias por aí, você confia no homem e ele faz mal a você e os filhos, quero isso pra mim não. Moro só, tenho a proteção de Deus e vivo bem, claro que aparecem dificuldades, (**por um instante Alfazema baixa a cabeça e continua falando – grifo meu**) mas todo mundo tem. Só não preciso de homem pra mim dar moral, e ficar bem para os olhos do povo. Graças a Deus tenho vizinhos que me dão uma força na hora da doença, para me trazer um chá, levar meus filhos no hospital, como já me ajudaram, na madrugada eu saí com um no colo e a vizinha com o outro, que adoeceram no mesmo dia, com diarreia e vômito. Agradeço muito. Gosto de morar aqui e não tenho vontade de sair não. Todos aqui me conhecem, quando não estou, as pessoas falam que a Senzala fica um silêncio, porque quando eu chego começo a gritar da esquina" gente, tô chegando" (risos). (Alfazema, 2017).

Alfazema é uma mulher que tem pouca idade, mas uma vida com muitas experiências. Tem uma alegria própria que aproxima as pessoas, sem contar da força que tem em ser mãe, morando sozinha, e conseguir levar a vida com altos e baixos. O preconceito e o machismo que de vez em quando aparece, ela tira de letra, pois a sua autoestima e seus filhos e as redes de vizinhança lhes dão confiança e força para que esses episódios não passem de acontecimentos de superação.

Existem, alguns momentos na Senzala que são de extremo incômodo para os moradores e em especial para as mulheres que moram sozinhas, homens que na alta madrugada se veem no direito de bater na porta dessas mulheres e incomodá-las, desrespeitá-las, certo de que elas por serem mulher e por morarem sozinhas, vão abrir a porta. Este é um dos graves problemas enfrentados pelas mulheres na Senzala. Uma das moradoras da Senzala relatou que “algumas vezes os vizinhos escutam eles baterem na porta e os espanta, dizendo, o que é que tu quer aí? Vai embora, vai, e ele se sente intimidado e vai embora”. Alfazema enfatiza esta questão da falta de respeito quando diz “mulher sozinha é sempre motivo de gozação”. Estas mulheres vivem em constante ameaça por morar sozinha e pelo fato de serem mulheres.

Outra interlocutora que entrevistei foi Dona Gérbera de 71 anos, viúva, muito emotiva, quando começou a falar sobre sua vida teve vontade de chorar, mas segurou as lágrimas e com um gole seco disse que estava esperando um assunto se resolver e se desse certo iria para o Rio de Janeiro, visitar os filhos que há algum tempo não via, e seguiu relatando:

Eu faço muitas atividades como aqui nas franciscanas,²⁴ sou também benzedeira,²⁵ e amo aqui as franciscanas e onde me chamar eu tô indo também, eu não faço questão não, já uma semana eu limpei aqui a frente todinha e ficou todinha limpinha ai, só você vendo, e eu arranco o mato de mão, não é de inchada não. Às vezes Daniel vem lá em casa, meu neto, já faz muito tempo que moro aqui, quando eu cheguei do Rio eu vim morar logo aqui, tem uns quinze anos ou mais, eu vim do Rio e fui pra casa de meu sobrinho mas ele não me aceitou dentro de casa, e assim t' levando a vida, né? Eu vim morar aqui porque fiquei sem lugar pra ir, meu sobrinho não me aceitou na casa dele, então aqui foi o lugar em Rio Tinto que me favoreceu morar. Agora eu tô com vontade de ir no Rio de Janeiro, tá na mão de Jesus, ele que sabe, né? Todas as coisas. Tô com uma saudade de meu povo, meus amigos que moram lá na Urca, que tem o Cristo Redentor, assim oi, de braços aberto, que é lindo de se ver, tem o pão de açúcar, a Urca é bonita também, tem uma igreja que é onde Roberto Carlos mora vizinho. Olhe, desde que entrei aqui não saí mais, e eu prefiro morar só, sou aposentada e esse lugar os aluguel é mais barato, apesar de ter aumentado muito de uns dias desses pra cá, mas tudo tá muito caro mesmo. Eu pago 130 de aluguel, mas é só um quarto, só, cabe somente a cama, o fogão a geladeira e uma mesinha, e eu sou feliz ali, porque todo mundo aqui é amigo, agente se ajuda, quando um cai na doença e tá sem condição agente pede e nós não tem vergonha não. (D. Gérbera, 2017).

Neste dia, ao procurar dona Gérbera, na Senzala, para a entrevista, me disseram que ela estava na Casa das Franciscanas, pois ela tem a função de fazer faxina lá. Chegando lá, ela estava com uma vassoura limpando toda a frente da casa e perguntei se podíamos conversar um pouco, ela disse que não precisava parar de fazer seu trabalho, que estava acabando de limpar e que não atrapalharia em nada a nossa conversa. Dona Gérbera criou vínculos com a Senzala, lugar que no momento difícil de sua vida, a acolheu. Ali, ela tem funções que lhe faz sentir ativa e capaz de trabalhar e ser útil para a comunidade. Dona Gérbera fala isto se referindo a sua idade e pela pouca oportunidade de trabalho, ela se sente ativa, e salienta que a sociedade não quer que pessoas idosas trabalhem. Ela fala que se sente feliz pelas pessoas a chamarem para cuidar da Casa das Franciscanas e por ser benzedeira, atividade que ela gosta muito.

As narrativas dessas mulheres contam muito sobre o que essa comunidade significa para elas, além de demonstrar o quanto elas são importantes para a comunidade. Nas suas falas, percebe-se a existência do sentimento de pertença e os laços que construíram nas formas de sociabilidades. Cada uma tem seu jeito peculiar de falar das suas vivências, mas ao falar da Senzala suas falas se entrelaçam, pois aquele é o lugar de acolhimento, de interação de solidariedade e reciprocidade. Na Senzala, essas

²⁴ A casa das franciscanas é um Centro de Ordem Secular. Onde as franciscanas se reúnem para rezarem e fazerem louvores e muitas vezes padres realiza missas e receberem devotos de fora da cidade também.

²⁵ Curandeira.

mulheres encontraram e encontram “o prazer e o sentimento de estar junto e de ‘praticar’ a própria sociação” (PERES, 2011, p. 105).

Como mencionado nos capítulos anteriores, a comunidade da Senzala possue características de uma comunidade comum, e que a sociabilidade que são construidas por essas mulheres se tornam peculiar do lugar, onde lhe são favoráveis o contato muito próximo permitindo cotidianamente vínculos de sociabilidade. E mesmo que aconteçam conflitos e problemas familiares constantemente esses vínculos sociais não podem ser invisibilizados, os problemas que acontecem na Senzala, tem a sua gravidade e que são resolvidos entre os próprios moradores e não mencioná-los seria uma forma de idealizar um lugar que na verdade não existe. Os percalços existem, como também os laços recíprocos de sociabilidades e de solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano e a sociabilidade das mulheres na Senzala foram os principais focos de análise deste trabalho. Ao observar estas questões tornou-se possível levantar reflexões envoltas na compreensão dos modos de vida compartilhados na construção social de uma comunidade marcada por lutas, interações, vivências de aproximação e distanciamentos, reciprocidades, conflitos e poderes.

Partindo da observação do cotidiano dessas mulheres, das aproximações, distanciamentos e das redes nas quais estão envolvidas, foi possível compreender o significado que a Senzala tem para elas, bem como a importância que elas têm para a Senzala. Neste sentido, as relações que foram percebidas mostram que as redes de sociabilidades que são produzidas por essas mulheres enfatizam os diversos sistemas de interação que estão para além de laços de vizinhança e amizade, perpassando instâncias mais amplas como a saúde e a religiosidade. Nessas instâncias, há influência direta de algumas mulheres que a partir da importância de suas ações passam a se destacar no grupo, ocupando lugares diferenciados.

Diante do exposto, fica claro que a história da Senzala não pode ser compreendida sem considerarmos as mulheres que ali vivem, bem como as relações de vizinhança, trabalho, conflito e poder existentes na comunidade.

Através das narrativas e dos olhares das mulheres que contamos a história da Senzala, desde o processo de ocupação até os dias atuais, dando a voz à essas mulheres, mostrando a força e o valor que elas possuem na e para a comunidade, através da construção e manutenção das relações que favorecem uma rotina local que possibilita a organização social e a existência da comunidade, assim como delas próprias,

A etnografia desenvolvida na Senzala me fez refletir sobre os estigmas envoltos dos moradores, como também sobre o sentimento de pertença dos que moram na Senzala há mais tempo, sobre os percalços enfrentados pelos novos moradores que chegam à comunidade, etc. Essas reflexões estão abertas a continuidades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maurisônia Silva de. Sociabilidade Lazer e Estigma no Conjunto Durval de Assis- Senzala – 2016.
- ALMEIDA, Alexandre Paz. A Cidade, o Bairro e a Rua: Um Estudo Sobre Cotidiano e Sociabilidade em Valentina de Figueiredo/João Pessoa-PB. 2008.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. A família Lundgren e a fundação da cidade Rio Tinto: Do medo ao acirramento dos conflitos fundiários. *Sociabilidades Urbana – Revista de Antropologia e Social*. V.1 m3, p 124-135, novembro de 2017. ISSN 2526-4702.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Trad. Celso de Castro – 6^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925 – Confiança e Medo na Cidade; tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.
- BECKER, H. “A Escola de Chicago”. Rio de janeiro, Mana: estudos de antropologia social, n.2/2, 1996.
- DAMATTA, Roberto. (1978). “O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues”. In, NUNES, Edison de O. (Org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar editores, pp. 23 a 35.
- DAMATTA, R. - A casa e a rua. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DANTAS, Anna Aline Roque Santana. Rio Tinto. Impacto do declínio econômico na organização Espacial/João Pessoa. UFPB/PPGEU/CT, 2009. 102p.ilust.
- DURKHEIM, Émile. (2002). As regras do método sociológico. São Paulo. Martin Claret.
- Escola Municipal Antonia Luna Lisboa. (EMALL). Rio Tinto-PB
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor.
- ELIAS, Norbert. (1993). O processo civilizador. V2, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor.
- FREYRE, Gilberto . Sobrados e Mucambos – Decadência do Patriarcal Rural e desenvolvimento do Urbano. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951 [Ed. Org. 1936].
- FRUGOLI, Jr, H. “O urbano em questão na antropologia: Interfaces com a sociologia”. In Revista de Antropologia, vol. 48, n I. São Paulo, jan/jun. 2005.
- GOFFMAN, Erving. (1988). Estigma. Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4^a edição. Rio de Janeiro. Guanabara.

GEERTZ, Clifford. 1926 – A Interpretação das Culturas. 1, Ed, 13. Reimpr – Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 323.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais Como Técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos, Universidade Federal da Bahia-BA, 2002.

História de Rio Tinto-PB. Ache tudo e região. Disponível em: <HTTPS://www.achetudoeregiao.com.br>PB> Acesso em: 16 dez. 2018. 22:31hr

Disponível
em:<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/sinha-moca-1-versao/trama-principal.htm> Acesso em 10 jan. 2019. 23:24hr

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/rio-tinto/panorama> 12 de jan de 2018 às 17hr

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Confiança e sociabilidade, uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença. RBSE, v. I, n. 2, pp. 117-206. João Pessoa, GREM, agosto de 2002.

LE GOFF, Jacques. Por amor as cidades. Tradução: Reginaldo Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

LE BRETON, David. 2009. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis: vozes

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Transformações na Cultura Urbana das Grandes metrópoles: as cadeiras na calçada. São Paulo, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (1984). *Festa no Pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2002) “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. RBCS, v. 17, nº 49, pp.11 a 29.

_____. 1996. “Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole”. In: José Guilherme C. Magnani& Lilian de L. Torres (orgs.). Na metrópole. São Paulo: Edusp. pp. 13-53.

_____. 2004. “Rua. Símbolo e suporte da experiência urbana”. In: José Guilherme C. Magnani. “Rua: Símbolo e Suporte da Experiência Urbana”. In: NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em: Acesso em: 22/07/2004

MAUSS, Marcel: Sociologia e Antropologia. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, 536.p.

MARCONI, M de A. e LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MAFFESOLI, Michel, (2000). O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo na sociedade de massas. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1974). A Ideologia Alemã, Portugal. Ed. Presença.

MENDES, Sarayna Martins. Ser Mulher na Cidade: um estudo sobre a circulação das mulheres do Porto do Capim pela cidade de João Pessoa - 2018.

ORTNER, Sherry B. Esta a mulher para o homem, assim como a natureza para a cultura? 1974.

ORTNER, Sherry B. É do sexo feminino que a natureza é a cultura? Em MZ. Rosaldo e L. Lamphere (Eds). Mulher, cultura e sociedade. Stanford UnivversityPrees, PP. 68-87

PALITOT, Estevão Martins. *Os Potiguara da Baia da Traição e Mont-Mor: história, etnicidade e cultura*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992.

PANET, Amélia - Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano – João Pessoa – PB UNIPÊ Editora, 1^a Ed. 20

PARK, Robert Ezra. (1979). “A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In, Velho (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “INDIZÍVEL” ao “DIZÍVEL”. In: SIMON, Olga Moraes Von. Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.p.14-43.

RUBIN, Gayle. O TRÁFICO DE MULHERES: NOTAS SOBRE A “ECONOMIA POLÍTICA” DO SEXO. Edição: S.O.SCORPO.Recife, 1993.

REZENDE, Claudia Barcellos. Os significados da amizade duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro. FGV editora.

RIBEIRO, René. A estrutura dos grupos de culto afrobrasileiros e o funcionamento dos grupos de culto. Em: cultos afrobrasileiros do Recife, um estudo de ajustamento social.

SARTI, Cynthia Andersen. Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPDCS. Caxambu, 1994.

SIMMEL, Georg. (1979). “A metrópole e a vida mental”. In, Velho (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1979.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.10, n. 30, pp. 568-573.

SIMMEL, Georg, 1858-1918. Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade/Georg Simmel; [tradução, Pedro Caldas].-Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

SOUSA, Anne Gabriele Lima.Olhares que se cruzam, fronteiras que se erguem: a sociabilidade em Tambaú, João Pessoa – PB. / Recife : O Autor, 2006.

SIMÕES, Soraya Silveira. *Cruzada São Sebastião do Leblon: uma etnografia damoradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado defendida no PPGA/ICHF-UFF. Niterói: fevereiro 2008. 424p.

TURNER, Victor. Dramas, Campos e Metáforas. Ação Simbólica na Sociedade Humana. Tradução: Fabiano Moraes. Niterói, 2008.

VELHO, Gilberto. (1982). *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro. Zahar.

VELHO, Gilberto. (1986). “Observando o Familiar”. In, Velho, G. *Individualismo e Cultura*. 2a edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

WIRTH, Louis. (1979). “O urbanismo como modo de vida”. In, VELHO, Octavio Guilherme (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

WHYTE, William Foote. (1971). *La sociedad de las esquinas*. México, Editorial Diana. pp. 15 a 69 e 337 a 423.

WEBER, Max. “Conceito de Categorias de Cidade”- In: Velho, o (org.) *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1967. Tradução: Antônio Carlos Pinto Peixoto.

ANEXO

FOTOGRAFIA 01 - A agente de saúde Irís rezando o terço com as mulheres da Senzala
FONTE: Dilma da Silva Dantas 2018



FOTOGRAFIA 02: Rua Bom Jesus a principal da comunidade da Senzala
FONTE: Dilma da Silva Dantas 2018



FOTOGRAFIA 03 - Margarida produzindo tarrafas
FONTE: Dilma da Silva Dantas 2018



FOTOGRAFIA 04 - Tulipa catadora de reciclagem
FONTE: Dilma da Silva Dantas 2018

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____

moradora da Senzala, declaro estar ciente sobre a pesquisa Cotidiano e Sociabilidade de Mulheres na Senzala: interações, conflitos e vizinhança, que está sendo desenvolvida pela pesquisadora Dilma da Silva Dantas, graduanda do curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Declaro estar ciente que a pesquisa apresenta como benefício direto a produção e divulgação de conhecimento, sem qualquer prejuízo para mim ou para a comunidade. Da mesma forma afirmo estar ciente sobre a exposição da minha identidade nos trabalhos acadêmicos provenientes dessa pesquisa.

Por fim, declaro que aceito voluntariamente participar deste trabalho.

_____, ____ de _____ de 2019

Entrevistados:

Dilma da Silva Dantas

Endereço para contato com a
pesquisadora:
Rua Assis Chateubrian, snº. Cidade
de Rio Tinto. CEP: 58.297-000.
Tel.:(83) 988222798.
e-mail: dilmaufpb@gmail.com.br